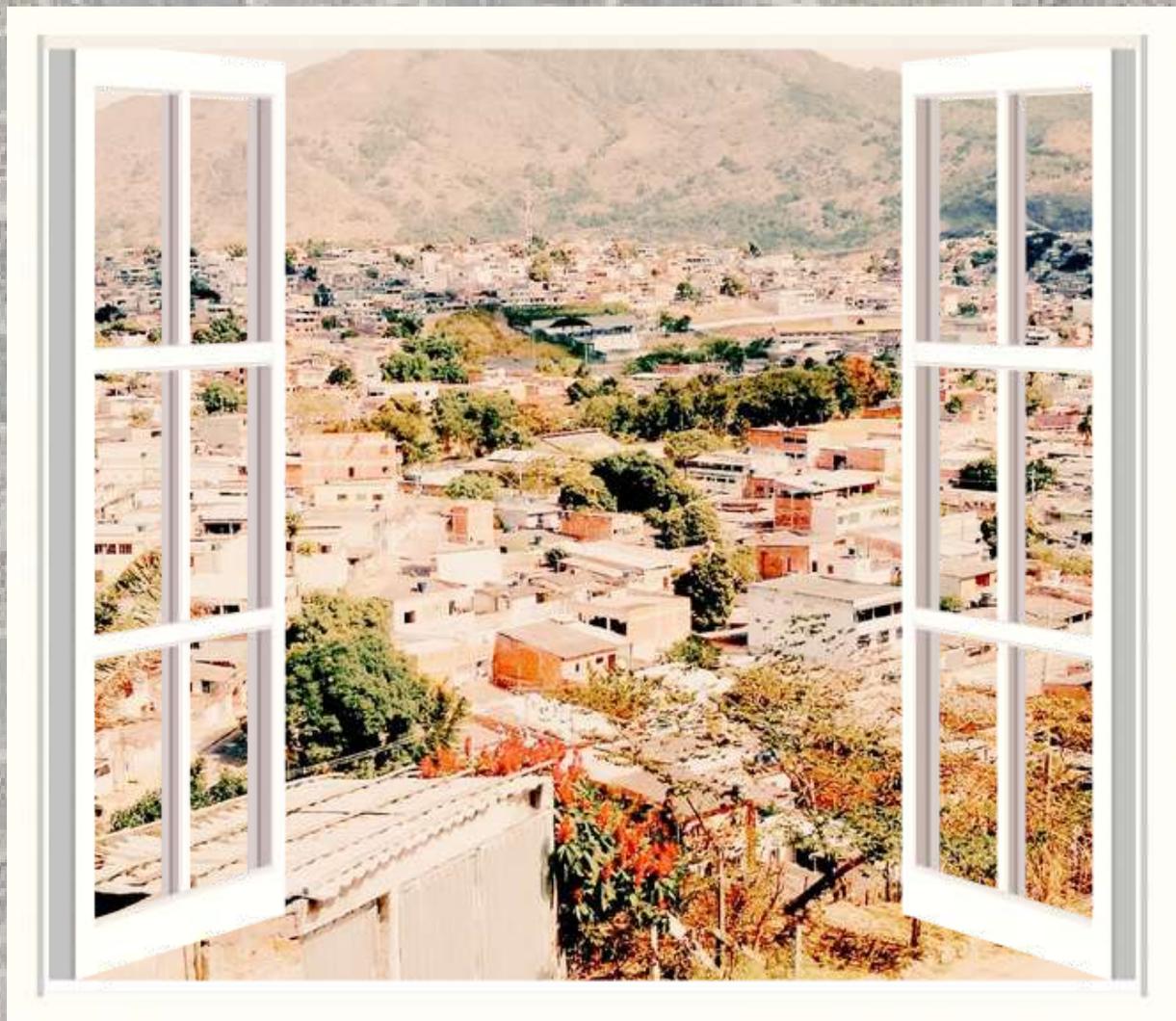


**DA MINHA JANELA
EU VEJO O MUNDO:**



**HISTÓRIA LOCAL E
EMANCIPAÇÃO SOCIAL**

**Mônica Aparecida de Araújo Próspero
Leonardo Bis dos Santos**

**Mônica Aparecida de Araújo Próspero
Leonardo Bis dos Santos**

**DA MINHA JANELA EU VEJO O MUNDO:
HISTÓRIA LOCAL E EMANCIPAÇÃO SOCIAL**

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo
Vitória, Espírito Santo
2022**



INSTITUTO FEDERAL
Espírito Santo
Campus Vitória

Instituto Federal do Espírito Santo

José Jadir Pella
Reitor

Adriana Pionttkovsky Barcellos
Pró-Reitora de Ensino

André Romero da Silva
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-
Graduação

Lezi José Ferreira
Pró-Reitor de Administração e
Orçamento

Lodovico Ortlieb Faria
Pró-Reitor de Extensão e Produção

Luciano de Oliveira Toledo
Pró-reitor de Desenvolvimento
Institucional

IFES - Campus Vitória

Hudson Luiz Cogo
Diretor Geral do Campus Vitória

Luciano Lessa Lorenzoni
Diretor de Ensino

André Gustavo de Sousa Galdino
Diretor de Pesquisa e Pós-graduação

Telma Carolina Smith
Diretor de Extensão

Roseni da Costa Silva Pratti
Diretora de Administração

Leonardo Bis dos Santos
Coordenador do PPGEH

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades
Avenida Vitória, 1729 – Jucutuquara – Vitória – ES – 29040-780

Edição e design gráfico: Bruna Perini de Matos Oliveira
Capa: Planalto Serrano bloco A - vista panorâmica a partir do bloco B.
Fonte: arquivo pessoal da pesquisadora (2022)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

P966m Próspero, Mônica Aparecida de Araújo.

Da minha janela eu vejo o mundo [recurso eletrônico] : história local e emancipação social / Mônica Aparecida de Araújo Próspero, Leonardo Bis dos Santos. – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2022.
71 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-65-00-60217-3 (*E-book*)

1. Educação – Aspectos sociais. 2. Memória coletiva – História. 3. Professores – Formação. 4. Educação não formal. 5. Comunidade e escola – História. 6. Sociologia educacional. 7. Humanidades. I. Santos, Leonardo Bis dos. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 370

Elaborada por Ronald Aguiar Nascimento – CRB-6/MG – 3.116

Copyright © 2022 by Mônica Aparecida Araújo Próspero e Leonardo Bis dos Santos. Depósito Legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto nº 1.824, de 20 de Dezembro de 1907. O conteúdo dos textos é de inteira responsabilidade dos respectivos autores.

Material didático público para livre reprodução. Material bibliográfico eletrônico.

Descrição Técnica do Produto

Nível de Ensino a que se destina o produto: Ensino Básico.

Área de Conhecimento: Ensino.

Público-Alvo: Professores de história da educação básica e educadores em geral interessados em práticas educativas emancipatórias a partir da realidade local.

Categoria deste produto: Didática. Material didático.

Finalidade: Contribuir para o ensino de história, buscando, por meio do ensino da história local, implementar práticas educativas de caráter emancipatório junto aos educandos da educação básica.

Organização do Produto: O conteúdo está dividido em dois capítulos – no primeiro, é apresentado o bairro Planalto Serrano, local que possibilitou a confecção deste trabalho. No segundo, traz a descrição da prática educativa dinamizada a partir da história local, mediante os pressupostos metodológicos da aula de campo.

Registro do Produto: Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - IFES, Campus Vitória.

Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação: Meio digital.

URL: Produto disponível no site do PPGEH:

<https://ppgeh.vitoria.ifes.....>

Idioma: Português.

Cidade: Vitória.

País: Brasil.

Ano: 2022.

Origem do Produto: Trabalho de Dissertação intitulado “O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL COMO PRÁTICA EDUCATIVA EMANCIPATÓRIA”, desenvolvido no Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo.

Validação do produto: O produto foi validado ao longo da elaboração onde foi aplicado, bem como pela banca de defesa que avaliou, além da dissertação, o produto.

Declaração de vínculo com o PDI: O presente produto está alinhado com o PDI 2019/2 - 2024/1 (2019), especialmente em relação ao item 3 - Projeto Pedagógico Institucional, p. 58 a 103.

Impacto - Nível: Médio.

Impacto - Demanda: Espontânea.

Impacto - Objetivo da Pesquisa: Solução de um problema previamente identificado.

Impacto - Área impactada pela produção: Ensino.

Impacto - Tipo: Real.

Descrição do tipo de impacto: A aplicação contribuiu ampliar processos de ensino de história local, bem como a ressignificação da relação entre a sociedade e espaço em áreas da periferia urbana.

Replicabilidade: Sim.

Abrangência territorial: Regional.

Complexidade: Média.

Inovação: Médio teor inovativo.

Setor da sociedade beneficiado pelo impacto: Educação.

Declaração de vínculo do produto com PDI da instituição: Sim.

Houve fomento? Não houve.

Os Autores



Mônica Aparecida de Araújo Próspero

Possui graduação em História – licenciatura – pela Universidade Federal do Espírito Santo (2007). Professora da Rede Pública de Ensino no Município de Vitória e no Governo Estadual do Espírito Santo. Atualmente, é aluna do curso de Mestrado Profissional pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades - PPGEH do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - IFES.

Leonardo Bis dos Santos



Possui graduação em Ciências Sociais - Licenciatura e Bacharelado - pela Universidade Federal do Espírito Santo; especialização em Educação Ambiental pelo Instituto Federal Fluminense; MBA em Gerenciamento de Projetos pela FGV; mestrado em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense e doutorado em História, na área de concentração em História Social das Relações Políticas, pela Universidade Federal do Espírito Santo. Já foi secretário de finanças e de planejamento estratégico do município de Serra, na Região Metropolitana da Grande Vitória/ES. Seus trabalhos de pesquisa focam a área de Sociologia, com ênfase em sociologia da questão ambiental e conflitos sociais, além de temas relacionados à teoria da ação social em processos de emancipação social. Atua como professor efetivo de sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - IFES (Campus Vitória), onde leciona no ensino técnico, na graduação e na pós-graduação (Mestrado em Ensino de Humanidades - PPGEH). Líder do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Sociedade e Emancipação - GEPESE.

Poema de um trabalhador que lê

Quem construiu a Tebas de sete portas?
Nos livros estão nomes de reis:
Arrastaram eles os blocos de pedra?

E a Babilônia várias vezes destruída
Quem a reconstruiu tantas vezes?

Em que casas da Lima dourada moravam os construtores?
Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da China ficou
pronta?

A grande Roma está cheia de arcos do triunfo:
Quem os ergueu?
Sobre quem triunfaram os Césares?

A decantada Bizâncio
Tinha somente palácios para os seus habitantes?

Mesmo na lendária Atlântida
Os que se afogavam
gritaram por seus escravos
Na noite em que o mar a tragou?

O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Sozinho?

César bateu os gauleses.
Não levava sequer um cozinheiro?

Filipe da Espanha chorou,
quando sua Armada naufragou.
Ninguém mais chorou?

Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.
Quem venceu além dele?
Cada página uma vitória.
Quem cozinhava o banquete?

A cada dez anos um grande Homem.
Quem pagava a conta?

Tantas histórias.
Tantas questões.

Bertolt Brecht

Sumário

Apresentação 8

O que você encontrará neste *e-book*? 9

Introdução 10

Capítulo I: O lugar 13

Capítulo II: A aula de campo 22

**Aula de campo e prática educativa emancipatória:
potencialidades** 23

Pré-campo: um estudo exploratório 25

Campo: explorando o território 34

Pós-campo: oficinas dialógicas 42

Oficina 1 - Capitalismo: Urbanização e periferização 44

Oficina 2 - Com quantas lutas se faz um bairro? 55

O que fica para nós? Reflexões a partir da prática educativa. 64

Referências 67

Apresentação

Olá, professores e professoras!

O presente trabalho é parte integrante da pesquisa “O ensino da história local como prática educativa emancipatória” e foi construído no contexto de uma pesquisa de Mestrado Profissional em Práticas Educativas, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – Campus Vitória, entre os anos de 2020-2022.

Trata-se do *e-book* “Da minha janela eu vejo o mundo: história local e emancipação social”. O material dialoga com os conceitos de história local e emancipação social, estruturado a partir da perspectiva freiriana de educação libertadora e das contribuições teóricas do campo do ensino de história.

A metodologia adotada para a confecção da prática social, que deu origem a esse livro digital, embasou-se na aula de campo levando em conta as etapas de pré-campo, campo e pós-campo. Nesta última fase, o conhecimento foi sistematizado por meio de oficinas dialógicas delineadas segundo a temática urbanização e periferização. Aqui você encontra uma proposta de ensino de história vinculada a um panorama crítico que se destinou aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola periférica do município da Serra-ES.

A abordagem investigativa, a partir da utilização de diferentes estratégias para coleta de dados – documentários, mapas afetivos, fotografias, questionários, entrevistas e reportagens provenientes da mídia escrita- entrelaçada à produção de narrativas, pelos alunos, como: histórias em quadrinhos e poesias, mostrou-se um caminho eficaz no trilhar emancipatório.

Dessa forma, a validade deste produto relaciona-se à construção de um conhecimento histórico que, apoiado na vivência dos educandos, foi capaz de despertar a autonomia discente, tendo em vista o seu despontar como sujeito histórico.

Nesta perspectiva, a socialização deste trabalho inscreve-se no desejo de que ele, de alguma forma, possa contribuir para a produção de experiências educativas tendo como horizonte a emancipação social. Que este produto educacional reforce a postura docente de se fazer uma educação comprometida, principalmente, com os “esfarrapados do mundo” e que, por meio dela, eles consigam, coletivamente, “ser mais”.

Boa leitura e boa prática!

O que você encontrará nesse e-book?

Para dinamizar a leitura deste material e facilitar a compreensão, ele foi dividido em 2 capítulos:

No primeiro capítulo, o bairro Planalto Serrano - local que viabilizou essa prática educativa - é evidenciado como um espaço de transformação decorrente da mobilização e luta popular em torno do bem viver.

O segundo capítulo apresenta a prática educativa sistematizada de acordo com as fases da aula de campo: pré-campo, campo e pós-campo. A organização do material foi pensada para explicitar o caminho metodológico e as ações desenvolvidas, em cada uma das etapas, como uma espécie de roteiro. Na fase do pós-campo, duas oficinas dialógicas foram realizadas e, por meio delas, os conhecimentos advindos do pré-campo e do campo foram dinamizados.

Ao longo deste produto educacional, se encontram disponíveis para download vários materiais de apoio, utilizados na execução da prática educativa, tais como: questionários, formulários do *Google*, roteiro de entrevista, *cards*, atividade de análise fílmica, dentre outros. Espero que sejam úteis e colaborem na construção de um ensino de história emancipador.



Introdução

Qual a história que nos ensinaram quando crianças e de que modo ela impacta na nossa forma de ler o mundo? Essa indagação não é nossa, afinal, autores como Ferro (1983) e Montenegro (1991) já alertaram para o papel da manipulação da história, tanto no ensino como nos meios de comunicação. Sabe-se que o ensino desta disciplina também é uma forma de mobilizar consciências e, talvez, seja essa uma das razões para que o currículo, que delineia esse ensino, esteja permeado por disputas e interesses, como bem apontam Silva e Fonseca (2010).

Desta forma, sabendo que “o currículo é uma “opção cultural”, é um projeto seletivo de cultura [...] de determinados grupos” (FONSECA, 2008, p. 118), cabe refletirmos: qual é a história que estamos ensinando, frente a um cenário econômico marcado pela hegemonia do discurso neoliberal e o desmonte dos bens públicos, entre eles a educação? Como temos lidado com o ensino de história, acerca das temáticas que atravessam a vida dos educandos como as desigualdades, a violência, a cidadania e a afirmação da identidade social?

Para além destas questões, devemos analisar até que ponto o ensino de história ainda tem privilegiado formas de ensinar e aprender pautado em um modelo positivista, descolado das experiências vivenciadas na sociedade por homens e mulheres comuns? Será que nós, docentes, temos potencializado um ensino de história que revigore o “ser mais” dos educandos? Na opinião de Pinsky (2020, p. 28),

Cabe ao professor [...] aproximar os alunos dos personagens concretos da História, sem idealização, mostrando que gente como a gente vem fazendo História. Quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer. O verdadeiro potencial transformador da História é a oportunidade que ela oferece de praticar a “inclusão histórica”...

Assim, podemos inferir que não há espaço, na atualidade, para um ensino de história desvinculado de uma perspectiva emancipatória e, que este ensino, deve estar vinculado à inserção dos sujeitos no processo histórico. Isto porque, de acordo com Montenegro (1991), quando uma história é decidida por poucos indivíduos e os fatos cotidianos são obliterados, denota-se uma construção imaginária em que a história passa ao largo da vida dos sujeitos.

A concepção de história alienígena aos sujeitos colabora para introjetar a ideia de que “a história é feita por e para alguns, que não somos nós, são outros e são poucos.” (FONSECA, 2009, p. 90). Em razão disso, enfatizamos que há proporcionalidade entre o protagonismo dos sujeitos na história e o engajamento desses na transformação da realidade social. Neste sentido, torna-se importante que os sujeitos não só participem da história, mas que, principalmente, se sintam responsáveis por sua construção.

No entanto, sabemos que adotar uma pedagogia emancipatória, no âmbito do ensino de história, numa sociedade desigual – constituída, principalmente, por indivíduos provenientes das classes sociais historicamente menos favorecidas, atingidas pela negação dos direitos sociais fundamentais - é se colocar contra a dominação que, cotidianamente, solidifica a permanência da exclusão desses sujeitos considerados, via de regra, como objetos do processo educativo.

Modificar essa condição perpassa, necessariamente, pela adoção de práticas educativas que, comprometidas com o desvelamento das contradições da realidade, promovam junto aos educandos a conscientização dos mecanismos de opressão, objetivando sua liberdade. Afinal,

[...] para que serve o sistema educacional – ainda mais quando público – se não for para lutar contra a alienação? Para ajudar a decifrar os enigmas do mundo, sobretudo, o do estranhamento de um mundo produzido pelos próprios homens? (SADER, 2008, p. 17).

Assim, a perspectiva adotada por essa prática social, concerne ao que Sharpe (1992, p. 53) denomina como “a história vista de baixo”. Para o autor, abordar a história sob este viés, permite que se faça uma correção à história dos vencedores, possibilitando, assim, a compreensão de uma história mais plural. Tal concepção, por contemplar a historicidade dos sujeitos no processo histórico, reitera a proposta de um ensino libertador, contribuindo para que os alunos se sintam representados na história, passando a vislumbrá-la como possibilidade e não fatalismo.

Apresentamos neste *e-book* o relato de uma prática educativa de cunho emancipatório, que foi entrelaçada à estratégia metodológica da história local. Objetivamos, com isso, promover um ensino de história ancorado na valorização das lutas, da cultura e das vivências de sujeitos que, sistematicamente, são invisibilizados por narrativas históricas desarticuladas das suas experiências sociais. Pretendemos que a prática social aqui estabelecida, possa promover um conhecimento fundamentado na criticidade, facilitando a leitura do mundo por parte dos sujeitos e favorecendo a apreensão de que a história é feita por todos nós!



Capítulo I: O lugar

Esta pesquisa se desenvolveu no bairro Planalto Serrano, localizado no município da Serra-ES. Trata-se de um espaço constituído a partir da luta social pela moradia no final da década de 1980. Na localidade, o conjunto de 3.310 casas populares - que na época estavam sendo construídas por uma empresa denominada Marajá - passou a ser ocupado após o processo de falência da construtora.

A localidade compreende três blocos contíguos: A, B e C, possuindo uma área de 2.332.630 m². No quesito população, conta com um total de 15.495 moradores, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010), citado pelo relatório de ocupação social, realizado pelo Instituto Jones dos Santos Neves, no ano de 2017. Desta forma, o espaço pesquisado configura-se como o terceiro maior bairro do município, quando levado em conta o aspecto populacional.

Com relação à economia local, o comércio é um elemento que se destaca, sobretudo, no bloco A, pois existe maior concentração de lojistas, como atividade predominante. Nos demais blocos – B e C – o comércio também é visível ações empreendedoras por parte dos moradores, em que, algumas vezes, foram desenvolvidas nas próprias residências, vinculadas à subsistência familiar, tais como: pequenas quitandas, bares, venda de produtos com nichos variados (brechós, chup-chup e salões de beleza).

O bairro pesquisado, em sua gênese, recebeu o nome de Conjunto Serra III.

Posteriormente à ocupação, foi designado como bairro Marajá, em alusão à empresa falida. No entanto, pela vontade popular, os moradores decidiram nomeá-lo por Planalto Serrano, já que segundo os mesmos não havia marajás no bairro, isto é, pessoas ricas, de acordo com Pajaú (2000).

Figura 1: Comércio local – bloco A.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Acesse o relatório de ocupação social, citado no texto e conheça um pouco mais do bairro pesquisado.

Clique aqui:



Figura 2: Comércio local – bloco B e C.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2021).

Para além do comércio, no que tange a urbanização, o bairro enfrenta alguns problemas, tais como a carência de saneamento básico e recolhimento de resíduos sólidos. No mesmo sentido, se encontram às atividades ligadas ao lazer e as demandas por serviços públicos, como saúde e educação. Isto porque os moradores necessitam deslocar-se entre os blocos ou até bairros adjacentes, na tentativa de obter os serviços prestados pelo município, como é o caso dos sujeitos desta pesquisa que, mesmo sendo moradores do bairro Planalto Serrano, possuem dificuldades de obter uma vaga escolar em sua comunidade.

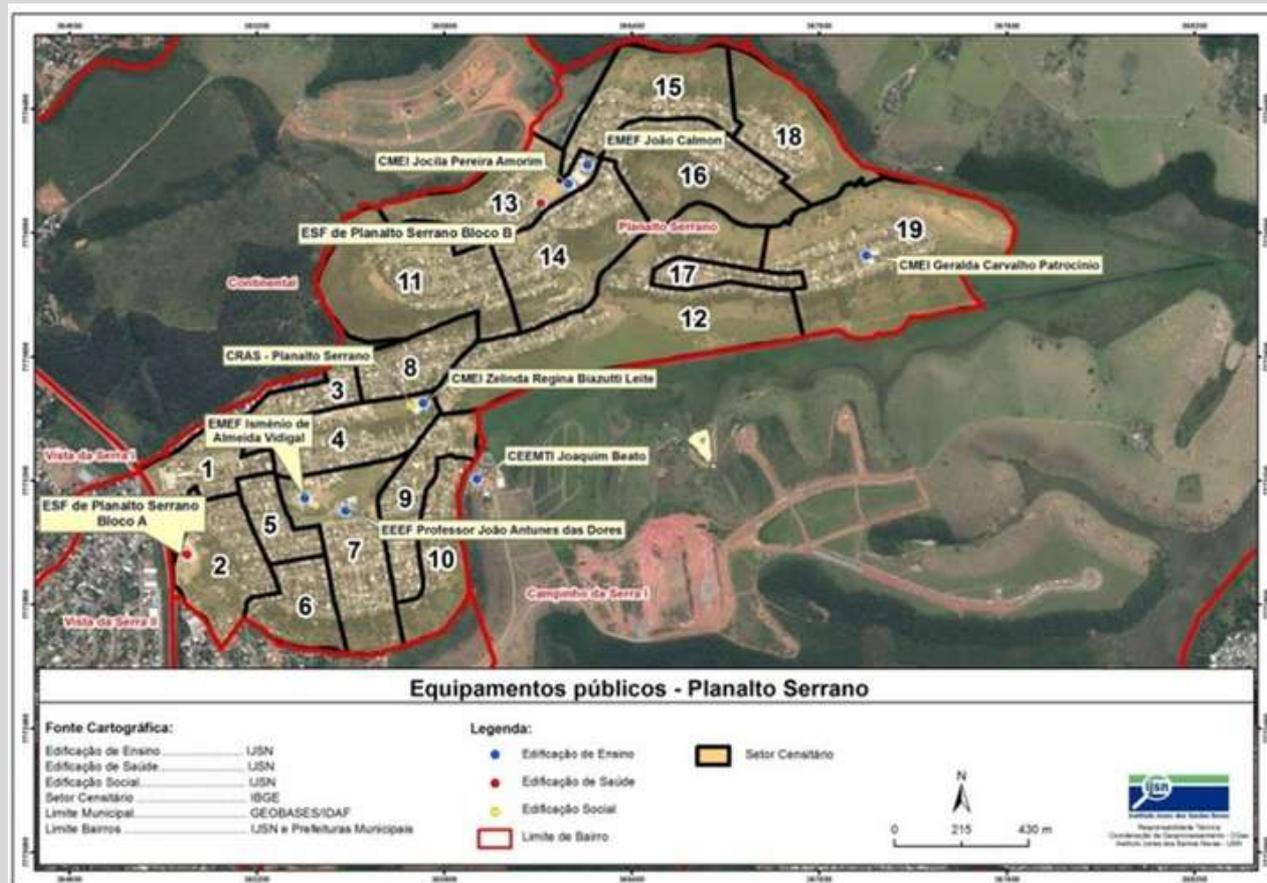
Por meio da figura abaixo é possível identificar os equipamentos públicos do bairro Planalto Serrano. Por ele é possível observar o quantitativo de sete (7) escolas. Sob a alçada da municipalidade tem-se: três (3) que atendem à educação infantil e duas (2) destinadas ao ensino fundamental. Sob a gerência da administração estadual há duas (2) escolas que atendem às modalidades referentes ao ensino fundamental e médio.

Quadro 1: Equipamentos de educação bairro Planalto Serrano – blocos A, B e C.

Escola	Localização	Modalidade
CMEI Zelinda Regina Biazutti Leite – Ensino Infantil – Administração Municipal	Bloco A	Educação infantil
CMEI Jocila Pereira Amorim – Ensino Infantil – Administração Municipal	Bloco B	Educação infantil
CMEI Geralda Carvalho Patrocínio – Ensino Infantil – Administração Municipal	Bloco C	Educação infantil
EMEF Ismênio de Almeida Vidigal – Ensino Fundamental – Administração Municipal	Bloco A	Ensino fundamental
EMEF João Calmon – Ensino Fundamental – Administração Municipal	Bloco B	Ensino fundamental
EEEF Professor João Antunes das Dores – Ensino Fundamental e Médio – Administração Estadual	Bloco A	Ensino fundamental e médio
CEEMTI Joaquim Beato, unidade de Ensino Médio - Administração Estadual.	Bloco A	Ensino fundamental e médio

Fonte: Elaborado a partir do Relatório de Ocupação Social do Instituto Jones dos Santos Neves (2017).

Figura 3: Mapa de localização dos equipamentos públicos do bairro Planalto Serrano.



Fonte: Relatório de Ocupação Social do Instituto Jones dos Santos Neves (2017, p. 7).

Além dos equipamentos de educação apontados no mapa, aparecem também duas (2) unidades de saúde: uma localizada no bloco A e outra no bloco B. O bloco C não dispõe de nenhum equipamento desta natureza. Finalizando, o bairro também comporta um Centro de Referência e Assistência Social – CRAS, localizado no bloco A.

Passado e presente: um contexto de lutas e transformações

Figura 4: Planalto Serrano – Vista da entrada do bairro/BR101. Década de 1980 e 2008, respectivamente.



Na montagem ao lado pode-se observar dois momentos da história do local. Na parte superior, uma fotografia evidenciando a entrada do bairro, datada do ano de 1985. Na parte inferior, a imagem remete-se ao mesmo local, porém, no ano de 2008.

Fonte: Capixaba História (2020).

Figura 5: Planalto Serrano (2018) e Conjunto Serra III – ao fundo, as casas populares (1990), respectivamente.



Fonte: Revista Planalto Serrano (2019).

As fotografias realizadas a partir de um mesmo ângulo possibilitam compreender as transformações pelas quais o local passou. Na foto abaixo, ainda na década de 1990, se mantém o projeto inicial idealizado para as moradias populares. Na fotografia acima, percebe-se as modificações oriundas do processo de urbanização.

Figura 6: Bairro planalto Serrano – vista panorâmica. Bloco A.



Fonte: Rogério Produções (1994).

As imagens são datadas de 1994 e 2022, respectivamente, e acenam para o processo de urbanização do local.

Figura 7: Bairro planalto Serrano – vista panorâmica bloco A.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

É importante assinalar que os tempos iniciais do bairro foram marcados pelo abandono por parte do poder público, o que colaborou para a formação de estereótipos vinculados, principalmente, por meio de discursos externos com relação à própria ocupação – um local formado por “invasores” - assim como, da violência, problema social que delinea o cotidiano da localidade, em virtude da presença do tráfico de drogas na região, principalmente.

Figura 8: Casas abandonadas em Planalto Serrano.

Mais de três mil casas estão abandonadas na Serra

O loteamento Marajá está abandonado desde 1982, quando foi decretada a falência da construtora que iniciou suas obras

Ricardo Mendonça



Mesmo incompletas algumas casas foram tomadas por invasores

Um pedido de falência decretado há dez anos pela construtora Marajá, responsável pela edificação de 3.310 unidades habitacionais no município da Serra, está impedindo que a Companhia Habitacional do Espírito Santo (Cohab) termine o projeto de construção das casas e do saneamento básico.

O abandono das casas, que ficam a 25 quilômetros de Vitória, fez com que a população as invadisse, mesmo sem contar com água, luz, comércio e tendo que pegar ônibus a uns quilômetros da região. As casas construídas são de três cômodos e hoje muitas já não têm mais telhado, nem portas e janelas, pois foram depredadas.

Ana Zilda Felício Mendes, que há sete anos invadiu uma das casas e divide os três cômodos com o marido, que trabalha como joalheiro, e três filhos, disse que foi morar no local porque "não tinha para onde ir".

Os poucos moradores da "cidade abandonada" recebem uma vez por semana a visita de um caminhão pipa da Prefeitura da Serra. "Quando a água acaba, somos obrigados a ir buscar em um poço que fica a um quilômetro", disse a moradora Valdete Oliveira, que também invadiu uma das casas.

JUSTIÇA

O loteamento Marajá ou Planalto Serrano teve início em 1980, quando a construtora Marajá, do Estado do Rio de Janeiro, recebeu um financiamento do Sistema Financeiro de Habitação, para depois de concluído o projeto entregar à Cohab, que seria a responsável pelas vendas.

Em 1982 a construtora decretou falência e abandonou as obras. Nessa época já tinham sido construídas as casas, com telhado, portas e janelas, que ficaram totalmente abandonadas. O processo com o pedido de falência da construtora está na 7ª Vara de Falência do Rio de Janeiro, esperando ser julgado há dez anos.

Enquanto o processo não for julgado, ninguém pode intervir na área, informou o diretor-presidente da Cohab, Esdras Nunes. Segundo ele, a Cohab tem interesse em terminar as obras e chegou a enviar, no final do ano passado, um pedido ao presidente da República para providenciar a desapropriação e repassar o projeto para a Cohab: "Mas não obtivemos nenhuma resposta".

Com um déficit habitacional de 160 mil unidades na Grande Vitória, as obras inacabadas como o conjunto Villagê de Camburi, com 520 apartamentos, e o Maison du Soleil, com 72, ambos situados em Jardim Camburi, além do loteamento Marajá são a opção de quem não tem onde morar.

Muitas invasões são até incentivadas por políticos, como aconteceu no último sábado pela manhã, quando um candidato a vereador levou dois ônibus cheios até o loteamento Marajá para as pessoas invadirem as casas. Ele alegou que se forem invadidas todas as casas, os órgãos públicos farão a urbanização do local.

O abandono das casas levou à ocupação sem que as mesmas estivessem aptas à moradia. A ausência de água, luz e comércio dificultou a presença das pessoas no local. A luta pela permanência foi intensificada, pois, na época, de acordo com a reportagem ao lado, o Estado do Espírito Santo possuía um déficit habitacional da ordem de 160 mil unidades.

Fonte: Mendonça (1992).

No entanto, vale ressaltar que a resistência dos moradores delineia a trajetória desse espaço, desde sua fundação, e denota a participação popular na busca por condições dignas de vida. Um aspecto marcante dessas lutas, em todos os tempos, remete-se ao aspecto solidário, fator que evidencia a união dos locais em torno de interesses comuns. Assim, as lutas coletivas são elementos bastante presentes desde o início da constituição desse espaço.

Figura 9: Protesto.



Jornal Tempo Novo (2000).

Protesto na localidade requisitando melhorias para o local. Em destaque, faixas de ordem contra o prefeito e o líder comunitário da época – Zé Alves.

Figura 10: Passeata dos moradores do conjunto Serra III em Vitória-ES.



Ao lado, manifestação no centro da capital – Vitória objetivando a sensibilização do Governo Estadual para a questão da moradia. Presença dos moradores do então conjunto Serra III.

Fonte: Jornal A Gazeta (1987).

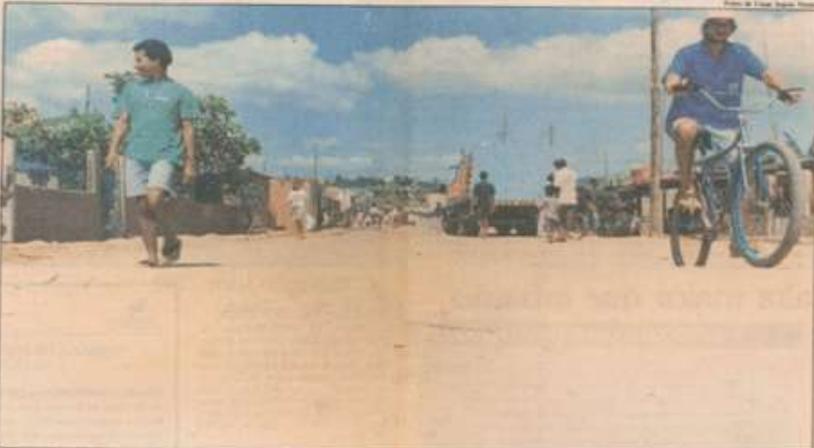
Figura 11: Requisições populares em prol do bem viver.

12 - Vitória (ES), terça-feira, 9/11/1993

Bairros

A GAZETA

Marajá quer segurança, escola e ruas sem buracos



A total falta de segurança, as péssimas condições de tráfego para veículos e pedestres através das ruas esburacadas, principalmente quando chove; a necessidade de conclusão da obra da escola que chamamos de Colégio Novo e reforma da Escola João Anzures das Douras; ônibus superlotado e manutenção da rede de esgoto, considerado uma das maiores no município da Serra, foram as principais reclamações dos moradores do Bairro Marajá, na Serra, que foi visitado no sábado pela equipe do jornal A GAZETA.

Os moradores reclamam até de iluminação pública para os blocos "B" e "C", a falta de um posto de saúde bem estruturado, uma creche e policiamento, já que o bairro é considerado violento. Segundo o presidente da Associação dos Moradores do Bairro Marajá, Gilcino Rodrigues Rocha, "as visitas policiais só entram no bairro quando o rabeção vem acompanhado de uma outra visita, para recolher algum dinheiro, vítima de assaltos", reclamou.

Segundo Gilcino, vários oficiais já foram enviados à Secretaria de Segurança Pública pedindo policiamento, a instalação de um destacamento da Polícia Militar (DPM) ou uma delegacia de Polícia Civil. "Não conseguimos o local. Só precisamos que eles garantam o policiamento. Infelizmente, isso não tem sido negado. O secretário Bellini disse que faltavam policiais para trabalhar em Marajá", reclamou o presidente da comunidade. Ele lembrou que no outro lado da BR-101, no Bairro Vista da Serra, tem um DPM construído, todo estruturado, com creche e tudo. "Já houve até político inaugurando-o, mas policiais, que com certeza serviriam também ao Bairro Marajá, nem saiu", viuçou.

Escola

A única escola que funciona no Bairro Marajá é a João An-

PM fará mais policiamento

O Bairro Marajá ganhará mais policiamento com a construção de uma guarita em Vista da Serra, situada em frente ao local conhecido. O comandante da Polícia Militar, coronel Edilson Neves de Carvalho, disse que por mais de duas vezes tem sido instalada uma guarita em Marajá, mas não existe no bairro um espaço apropriado para isso.

Em Vista da Serra, a PM usará um espaço do Centro Comunitário, onde deverão ser colocados seis homens e uma viatura, caso a superação consiga aumentar sua frota de veículos. Enquanto isso não acontece, o coronel disse que vai combater mais policiamento no bairro do comandante do 6º Batalhão, coronel Guilherme Coelho da Rocha, e do comandante da Polícia Civil, coronel Ademir Filiz.

Já o chefe do Departamento de Administração Geral da Secretaria de Segurança Pública, Pedro Maurício, informou que não pode construir uma delegacia. No entanto, o atendimento a Marajá poderá melhorar com o redimensionamento do trabalho da Polícia Civil na Serra e em toda Grande Vitória.

Educação vai melhorar em 94

Se depender da Secretaria Estadual de Educação (Sete), o novo colégio do Bairro Marajá, com capacidade para 1.500 vagas, ficará pronto até março do próximo ano. Foi o que informou ontem o chefe da Coordenação dos Estabelecimentos Escolares do Estado da Espírito Santo, Luizenberg Machado. Ele disse que o órgão vai repassar verba para que as obras sejam terminadas, embora os recursos já enviados à Prefeitura da Serra fossem o suficiente para que a escola, com 10 salas, tivesse sido construída.

A obra teve início em 1990 e hoje apenas 30% do investimento foi pago. No final do ano passado, depois de uma reunião entre representantes da Sete, o ex-prefeito Adauto Martinelli, o empresário e fundador do bairro,

Morador diz como foi a invasão

As invasões em áreas com imóveis já construídos acontecem facilmente a partir de invasões de invasores. Foi desta forma que o Bairro Marajá, na Serra, começou a ser povoado. A Construtora Marajá foi a responsável pela construção de 3.117 casas ocupadas por invasores, que chegaram ao local em 1968. O conjunto, segundo um dos primeiros moradores da região, Raimundo de Oliveira, não tinha luz e água, e a falta de infraestrutura era total.

O conjunto ficou sub judice por alguns anos e não recebeu qualquer tipo de estrutura por parte da Prefeitura da Serra no dia 11 de novembro de 1968.

A rua principal de Marajá não tem calçamento, como as demais, e não escapa da ação das chuvas, alternando muita poeira ou lama

chegam a um metro de profundidade. Os sulcos são produzidos pelas chuvas. Segundo o presidente comunitário, Gilcino Rocha, o bairro foi construído sobre aterra e a terra não foi sedimentada, e com a ação das chuvas a água que vem da parte alta causa muita erosão. Próximo ao colégio novo, existem enormes crateras. "Essas ruas ficam intransitáveis, por causa desses buracos, e no período chuvoso há muita lama. Temos promessa de asfaltamento ao menos da rua principal, mas não sabemos quando isso vai acontecer", disse Gilcino.

O morador Raimundo de Oliveira disse que no tempo seco os buracos permanecem, os veículos têm muita dificuldade de tráfego e os pedestres não suportam a poeira. Quando chove, a lama é tanta que pode

Fonte: Jornal A Gazeta (1993).

A vida comunitária do bairro Planalto Serrano, ao longo de 35 anos de existência tem a marca da luta pelo bem viver. Foram protestos, abaixo-assinados e mobilizações diversas que trouxeram a possibilidade de se constituir uma localidade que, driblando a ausência da vontade política, soube, mesmo em face às adversidades internas, suplantar, em grande medida, os discursos fatalistas.



Capítulo II: A aula de campo

Aula de campo e prática educativa emancipatória: potencialidades

A aula de campo, como método, é dotada do potencial de, a partir do contato com a realidade e o cotidiano discente, desenvolver uma proposta investigativa que rompa com o ensino diretivo, podendo ser também vista como uma possibilidade de aprender de forma “mais curiosa e prazerosa” (SILVA; SILVA E VAREJÃO 2010, p. 195).

Em defesa desta perspectiva, Compiani (2015) destaca que o laboratório e a sala de aula correspondem a um mundo fechado em si mesmo e, portanto, abstrato. Nestes espaços, o singular e o específico são desconsiderados, uma vez que, predomina a lógica generalista, funcionando, quase sempre, de acordo com as leis universais da física. Em contrapartida, as aulas de campo favorecem a aquisição de conhecimentos, pois, os elementos presentes no meio geram

[...] percepções e pensamentos para a aprendizagem. Essas materialidades e não materialidades entram em conflito com o pensamento por meio de uma fricção que geram faíscas cognitivas, iluminando a própria vida-mundo do leitor do lugar-ambiente. Assim, espaço e tempo deveriam adquirir papel decisivo nos conhecimentos escolares e atividades de ensino não formais. O espaço e tempo da vida dos alunos, do entorno e da região da escola são investigados para constituir problemas. (COMPIANI, 2015, p. 12)

Dessa forma, a aula de campo quando entendida como um método que conjuga teoria e prática, favorece a construção de saberes alijados de práticas mnemônicas, típicas do ensino tradicional. Se constitui como um importante instrumento para a problematização dos conteúdos/temas, contribuindo para a elaboração de um aprendizado dinâmico e crítico. Neste sentido, ela pode apontar brechas para um ensino aprendizado que colabore para a emancipação discente.

Em outra contribuição, trazida pela aula de campo, esta se apresentar como uma contraposição à educação bancária (FREIRE, 2019a), tendo em vista que, o estudo do meio implica na adoção de uma postura investigativa por parte do aluno frente ao processo educativo, propiciando, assim, o protagonismo do educando.

Nesse sentido, defende-se que assumir a aula de campo como um método complementar à sala de aula na produção do conhecimento, seja o passo inicial para a instauração de uma educação (trans) formadora capaz de produzir sujeitos conscientes de si e do mundo no qual se inserem.

A partir de Silva; Silva e Varejão (2010), as aulas de campo possuem etapas de preparação, tendo em vista o alcance da intencionalidade pedagógica. Sendo assim, dá-se relevo às mesmas

Quadro 2: Etapas da aula de campo.

AS ETAPAS DA AULA DE CAMPO	
Pré-campo	O pré-campo é uma etapa indispensável do trabalho de campo, pois, cabe a ele nortear a proposta investigativa, tendo em vista a efetivação dos objetivos propostos. Assim, deve-se levar em consideração a escolha do local, a visitação prévia do mesmo pelo professor, a construção dos instrumentos de coleta de dados, a definição dos objetivos. As demandas de ordem prática, como: as autorizações da saída dos alunos, junto aos responsáveis, transporte, normas a serem seguidas, alimentação, dentre outros, devem ser observadas.
Campo	O campo consiste na operacionalização do trabalho de campo em si. Trata-se, então, da observação e do levantamento de dados e registros por meio de variadas técnicas como: fotografias, audiovisuais e instrumentos de coleta de dados – entrevistas e questionários.
Pós-campo	É nessa fase que ocorre a sistematização dos dados, a execução das análises, a discussão e exposição dos resultados. Sendo possível, desta forma, o desenvolvimento de atividades e práticas visando à consolidação de uma aprendizagem significativa.

Fonte: Elaborado a partir de Silva; Silva e Varejão (2010).



Pré-campo: um estudo exploratório

O pré-campo

Vejamos, então, as atividades desenvolvidas no pré-campo:

1. Questionário Inicial

Objetivos:

- Investigar a origem dos moradores.
- Compreender se há a apreensão da história local por parte dos educandos.
- Mobilizar a memória visando a produção de narrativas em que haja a correlação entre o passado e o presente.
- Analisar a percepção discente acerca da imagem do bairro na mídia e entre os não locais.
- Depreender se há a percepção entre participação popular e transformação social, por parte dos discentes.

Figura 12: Questionário - Aluno.

QUESTIONÁRIO - ALUNO

1- Qual a origem dos seus familiares? De qual local eles vieram? _____

2- O que você mais gosta no seu bairro? _____

3- Tem algo no seu bairro que você não gosta? _____

4- Você já viu alguma notícia do seu bairro na televisão? Em qual programa? O que ela falava sobre seu bairro?

5- Você já ouviu alguém que não mora no seu bairro falando sobre ele? Qual a opinião dessas pessoas sobre o seu bairro? Você concorda com a opinião delas? Justifique.

6- Você sabe como seu bairro surgiu? Conte-nos.

7- Tem alguma história sobre o seu bairro que você considera importante e gostaria de compartilhar?

8- Você acha possível que a sua participação ou dos seus familiares possam colaborar para a transformação positiva do local em que você vive?

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).

Quer o questionário em Word?

Clique aqui:



Materiais necessários

- Questionário
- Lápis/caneta

Dinamizando a atividade:

Dialogar com os alunos sobre o bairro e distribuir o formulário solicitando a participação dos educandos.

2. A confecção dos mapas afetivos

Figura 13: Elaboração de mapas afetivos pelos discentes.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Você sabe o que é um mapa afetivo?

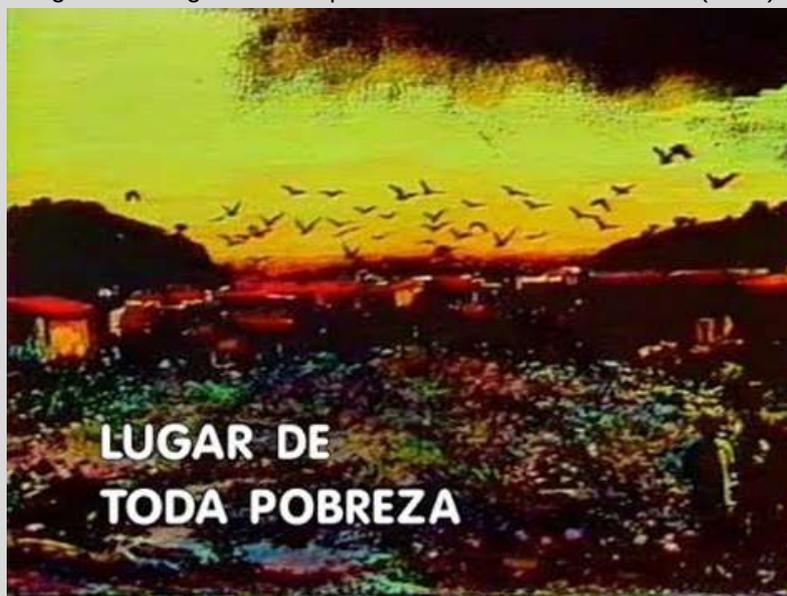
“A Cartografia é a ciência que trabalha com as representações espaciais a partir de diversas técnicas visuais e cálculos matemáticos. Os mapas criados pelos cartógrafos são instrumentos de poder que desde épocas imemoriais são imprescindíveis para o desenvolvimento das sociedades através de aspectos econômicos, políticos, sociais, religiosos, etc. Assim como diversas outras ciências, a Cartografia passou por metamorfoses e novas perspectivas cartográficas surgiram, dentre elas, os mapas afetivos. Ao cartografar os lugares a partir das sensações das pessoas, os mapas afetivos dão materialidade para a subjetividade dos espaços vividos, conhecidos, desconhecidos ou imaginados, caminhando para uma representação da rua, do bairro, da cidade não pelo prisma político do Estado e sim pelo microcosmo do cotidiano e das construções imaginárias do EU sobre o espaço. Ao colocar na centralidade da representação as percepções sensoriais das pessoas, os mapas afetivos de forma direta ou indireta são capazes de desenvolver identidades territoriais, indicando lugar (afetividade com o espaço) e não-lugar (esvaziado de sentido para o ser). Ao ilustrar essa dicotomia entre afetivo e não efetivo, esses mapas sensoriais são capazes de iniciar a tessitura de experiências das pessoas e sua relação com os espaços-tempos por onde coabitam sentimentos plurais sobre o espaço” (LOURENÇO, 2022, n.p).

3. O vídeo documentário Lugar de Toda Pobreza (1983)

Objetivos:

- Problematizar e apreender a percepção dos educandos acerca do conceito de pobreza, que tangencia, sobremaneira, os excluídos.
- Ampliar o conhecimento histórico, possibilitando ao discente perceber a história em diferentes tempos/espços.
- Suscitar discussões que apontem para a compreensão de que a desigualdade social é, historicamente, produzida. Bem como salientar que a superação desta depende, tanto da ação do poder público, como dos sujeitos que por ela são afetados.

Figura 15: Lugar de toda pobreza – vídeo documentário (1983).



Fonte: Disponível em:
<https://i.ytimg.com/vi/InPEhXXZpII/hqdefault.jpg>.
Acesso em: 22 de Jul. 2022.

A exibição do vídeo documentário lugar de toda pobreza (1983), uma produção do diretor Amylton de Almeida, foi exibido, para os educandos, a partir da plataforma youtube.

Trata-se de uma obra que retrata a situação de uma região na capital do estado do Espírito Santo, denominada São Pedro, no início da década de 1980. Nessa época, um acelerado processo de modernização econômica, por meio da industrialização, foi responsável pela atração de mão de obra, a maioria migrante, que sem ter condições de empregabilidade, ocupou a área e passou a viver da coleta de recicláveis, já que o local era utilizado para o descarte de resíduos sólidos.

A situação retratada no documentário relata a extrema pobreza vivenciada pelos moradores numa área periférica, apresentando similitude a outros locais, a exemplo do lócus de desenvolvimento desta prática educativa.

Figura 16: Atividade análise fílmica.

Atividade: análise fílmica		
Documentário: Lugar de toda pobreza	Ano de produção: 1983	
Diretor: Amylton de Almeida	Aluno	Turma 9M0__

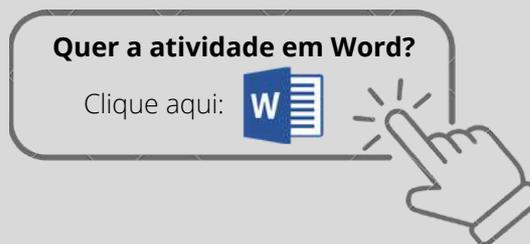
Sinopse: Em São Pedro (bairro de Vitória-ES), sobreviviam, na década de 80, de forma quase inacreditável milhares de pessoas que do lixo tiravam o sustento, a começar pela alimentação. As cenas das mulheres, crianças e homens misturados aos dejetos e aos urubus inspiraram o cineasta Amylton de Almeida. O documentário chocou o país e pressionou as autoridades a iniciarem o processo de urbanização e humanização da região.

O que chamou sua atenção no documentário?

Quais as causas desse tipo de situação que te chamou a atenção?

O que se pode fazer para combater situações como essa em sua opinião?

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).



Materiais necessários:

- TV ou datashow conectados a internet.
- Vídeo documentário Lugar de toda pobreza

Dinamizando a atividade:

- Exibir o vídeo documentário.
 - Dialogar com os alunos sobre a temática.
 - Apresentar as questões sob a forma de questionário pedir que respondam.
-

4. Aula sobre a constituição do bairro Planalto Serrano

Objetivos:

- Problematizar o bairro a partir de suas transformações, relacionando-as ao processo de modernização econômica do Espírito Santo.
- Enfatizar as transformações ocorridas no bairro a partir do município da Serra-ES, no que diz respeito à urbanização e periferização.

Figura 17: Aula sobre a constituição do Bairro.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Materiais necessários:

- TV ou datashow.
- Slides sobre o tema desenvolvido a partir de documentos escritos, fotografias, reportagens jornalísticas da época.

Dinamizando a atividade:

- Dialogar com os educandos sobre a temática.
- Exibir os slides estabelecendo nexos com outras realidades.

Figura 18: Slides aula de constituição do bairro.

As transformações do espaço



O crescimento industrial no município



O processo de urbanização realizado a partir de conjuntos habitacionais.



<p>PLANALTO SERRANO: A CONSTITUIÇÃO DE UM BAIRRO</p>	<p>PLANALTO SERRANO: A CONSTITUIÇÃO DE UM BAIRRO</p>
<p>Slide 1</p>	<p>Slide 2</p>
<p>AS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS NO ESPÍRITO SANTO: INDUSTRIALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> A partir da década de 1960, algumas transformações motivaram o aumento populacional no Espírito Santo: 1- A erradicação dos cafezais no interior do Estado motivando o êxodo rural. 2- A construção Porto de Tubarão (1966) Usinas de Pelotização da CVRD (1969 e 1973) e dos Grandes Projetos Industriais a partir da década de 1970 atraindo uma grande quantidade de migrantes. 	<p>POPULAÇÃO DO MUNICÍPIO DA SERRA:</p> <p>POR QUE HOUVE ESSE AUMENTO POPULACIONAL DA SERRA E O QUE ELE TEM A VER COM O SURTIAMENTO DO NOSSO BAIRRO?</p>
<p>Slide 3</p>	<p>Slide 4</p>
<p>URBANIZAÇÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> Atraídos pela possibilidade de empregos e melhorias de condição de vida houve um enorme concentração de pessoas onde hoje denominamos: Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV). O Município da Serra, faz parte desse movimento e podemos observar a partir desse período, uma intensa periferização. Observa-se, também a construção de moradias por meio de conjuntos habitacionais. 	<p>No contexto de urbanização teremos a construção de conjuntos habitacionais. Entre eles: Manoel Plaza, Eurico Salles, Hélio Ferraz, Serra Dourada I, II e III, Barcelona, André Carloni, Hélio Ferraz, entre outros</p>
<p>Slide 5</p>	<p>Slide 6</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).

Figura 19: Slides aula de constituição do bairro.

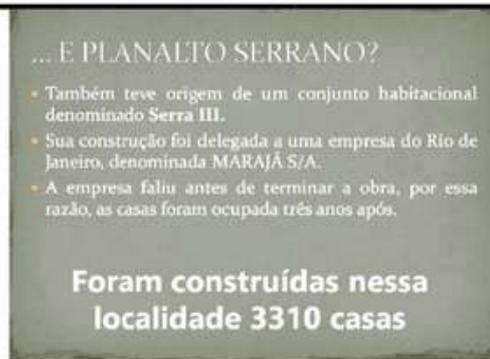
Vários conjuntos habitacionais surgem no município.



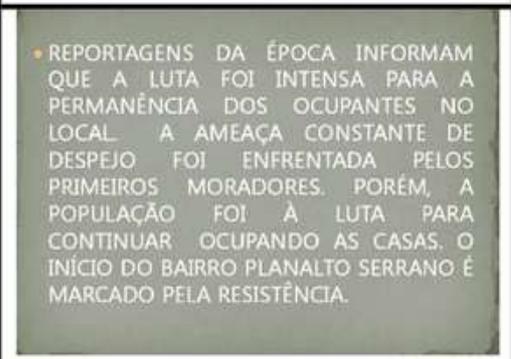
Slide 7

Slide 8

O bairro também surge a partir de um conjunto habitacional.



Slide 9



Slide 10

A resistência popular e a luta pela moradia: características do local desde os primeiros tempos.



Slide 11



Slide 12

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).



Campo: explorando o território

O campo

Chegou a hora do campo! Nesta etapa, foram realizadas três atividades pelos educandos: questionários, entrevistas e fotografias. Vejamos como foram dinamizadas:

1. Questionário realizado com moradores

Figura 20: Questionário - Moradores do bairro.

Objetivos:

- Perspectivar a apreensão dos moradores, acerca da implementação dos direitos sociais e a participação popular em ações coletivas.
- Evidenciar o papel da luta social, nas mudanças em prol da coletividade.
- Enfatizar o papel do morador e educandos como sujeitos históricos.

Materiais necessários:

- Questionários
- Lápis/caneta

QUESTIONÁRIO – MORADORES DO BAIRRO

1- **Você mora no bairro há aproximadamente quanto tempo?**
() Entre 1 e 5 anos
() Entre 5 e 10 anos
() Mais de 10 anos.

2- **Você sabe como surgiu seu bairro?**
() sim () Não
Se sim, como?

3- **Você considera o bairro um lugar bom para viver?**
() sim () não
Por quê?

4- **Dos pontos abaixo, qual o que mais te incomoda no bairro?**
() Saúde () Educação () Segurança () Transporte () Moradia
() Lazer () Outro _____ () Não me sinto incomodado

5- **Você participa ou já participou de alguma ação para melhorar o bairro?**
() sim () não
Se sim, diga como

6- **Os protestos e as manifestações, em sua opinião, são ações que ajudam a modificar o bairro para melhor?**
() sim () não

7- **A frase: “Os moradores não podem fazer nada para transformar, positivamente, o lugar em que vivem, pois, isso é trabalho para a prefeitura”, em sua opinião está:**
() correta () incorreta () não sei opinar

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).

Quer o questionário em Word?

Clique aqui:



Dinamizando a atividade:

- Dialogar com os alunos sobre o bairro e as transformações ocorridas, principalmente, relacionando com as questões referentes à urbanização e instalação de equipamentos públicos, tais como: saúde, educação, transporte, água e eletricidade.
- Pode ser pedido aos educandos que observem as questões acima mencionadas, no seu bairro de origem e, assim, elaborem uma planilha com os dados a seguir: a quantidade de equipamentos presentes, o ano da instalação, os movimentos que colaboraram para a implantação dos mesmos, pessoas que participaram desses movimentos.
- Distribuir os questionários aos educandos, para que, na comunidade, sejam realizados junto aos moradores.
- Discutir os dados com os alunos, como forma de dar relevância aos sujeitos no processo histórico.

2. As entrevistas

Objetivos:

- Vivificar o passado comunitário, por meio das memórias, apontando as lembranças dos anos iniciais da ocupação.
- Problematizar, por meio dos relatos, as dificuldades e potencialidades existentes na localidade.
- Trazer para o debate o papel dos sujeitos nas transformações sociais realizadas no bairro.

Figura 21: Roteiro de entrevista.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1-Há quanto tempo você mora nessa comunidade?
- 1- Quais as lembranças que você tem de quando chegou a esse local? Aponte as transformações pelas quais o bairro passou.
- 2- O que você fazia quando essas transformações estavam ocorrendo? Participava ativamente ou observava? O que você pode nos contar sobre isso?
- 3- Você já participou de alguma ação social que gerou mudança no seu bairro? Se sim, qual? Se não, conhece pessoas, aqui do bairro, que já atuaram para obter as transformações?
- 4- Qual o motivo que te trouxe para esse bairro?
- 5- Quais os problemas que você aponta como relevantes no seu bairro e de que modo eles afetam você e sua família?
- 6- O que você aponta de positivo na sua comunidade?
- 7- Você se considera pertencente a qual classe social?
- 8- Qual a sua opinião sobre a divisão de classes na nossa sociedade?
- 9- Você está satisfeito com o seu bairro e o lugar que você ocupa nele? Se não, o que poderia ser feito para ele se tornar um local melhor?
- 10-Você acha que pode fazer algo para que seu bairro sofra transformações positivas? O quê?

Fonte: Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).

Quer o roteiro em Word?

Clique aqui:



Materiais necessários:

- Roteiro de Entrevista
- Lápis/caneta
- Celular para a gravação.

Dinamizando a atividade:

- Confeccionar os termos de autorização de voz e imagem.
 - Solicitar aos educandos que verifiquem na localidade moradores antigos que possam contribuir com as entrevistas.
 - Contatar, agendar e entrevistar os moradores.
 - Com base nas entrevistas, discutir com os alunos a importância das ações do passado na vida atual da comunidade.
-

Imagem 22: Entrevista.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022)

3. As fotografias

Objetivo:

- Apreender a subjetividade discente com relação ao bairro, no que tange aos aspectos positivos e negativos da localidade, a partir de fotografias elaboradas pelos sujeitos.

Materiais necessários:

- Câmera fotográfica ou celular.
-

Dinamizando a atividade:

- Planejar a atividade com antecedência levando em consideração a necessidade de transporte, lanche, vestimentas e documentos que viabilizem a participação dos educandos.
 - Realizar uma visitação prévia pode diminuir a ocorrência de imprevistos.
 - Dialogar com os discentes sobre a finalidade da atividade: perceber como eles observam o bairro. Nesse sentido, sugerir a captura de imagens que apontem para os aspectos positivos e negativos do local.
 - Preparar um Formulário Google para a inserção das imagens produzidas e de uma pequena explicação sobre as mesmas.
 - Dialogar com os educandos levando em consideração o compartilhamento das impressões e experiências do campo.
 - Sugerir que os educandos selecionem, do rol das imagens realizadas, uma considerada positiva e outra de teor negativo, disponibilizando-as por meio do formulário.
-

Figura 23: Aula de campo.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).



Figura 24: Aspectos positivos do bairro Planalto Serrano: praças, comércio, grafite respectivamente.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).



Figura 25: Aspectos negativos do bairro Planalto Serrano: violência, esgoto e lixo, respectivamente.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Figura 26: Formulário Google - Atividade Fotográfica.

**O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL
COMO PRÁTICA EDUCATIVA
EMANCIPATÓRIA**

Fotografias – Aula de Campo

Na aula de campo ao bairro Planalto Serrano, ocorrida em 06/05/2022, percorremos os tres blocos: A,B,C e tivemos a oportunidade de conhecer e reconhecer as características e dinâmica do local. Nessa ocasião, você efetuou registros fotográficos, contemplando a sua percepção sobre o bairro. Nesse formulário, é solicitado que, a partir das fotos realizadas, sejam anexadas duas (2) imagens: uma relacionada a aspectos positivos e uma a aspectos negativos correlatos ao bairro. É necessário, após anexá-las, no espaço devido, explicitar as motivações que o levaram a fazer a opção pelas mesmas.

NOME *

Texto de resposta curta

Anexe a fotografia que você considere de aspecto positivo. *

[Adicionar arquivo](#) [Ver pasta](#)

Justifique a escolha da fotografia de aspecto positivo

Texto de resposta longa

Anexe a fotografia que você considere de aspecto negativo. *

[Adicionar arquivo](#) [Ver pasta](#)

Justifique a escolha da fotografia de aspecto negativo. *

Texto de resposta longa

Fonte: Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).

Quer o Formulário Google?

Clique aqui:





**Pós-campo:
oficinas
dialógicas**

O pós-campo

O pós-campo pode ser compreendido como o momento em que ocorre a síntese das outras fases da aula de campo. Para SILVA; SILVA E VAREJÃO, (2010, p.194) trata-se de uma etapa em que “a dialética da teoria e da prática é expressa [...] e pode atingir resultados superiores ao esperado.”

No caso desta prática educativa, optou-se pela dinamização do pós-campo por meio de duas oficinas dialógicas. A primeira, abordou a temática da urbanização e da periferização delineadas a partir da ótica do capital. A segunda trouxe à tona o processo de lutas e conquistas, empreendido pelos moradores, no bairro pesquisado.

O trabalho junto aos educandos, nas oficinas, priorizou a utilização dos materiais elaborados pelos próprios discentes nas outras etapas da aula de campo. Assim, além de recursos como música, slides, reportagens jornalísticas, foram utilizadas as fotografias do campo e trechos das entrevistas realizadas, pelos discentes, junto aos moradores.

Vamos às oficinas!



Oficina 1

Capitalismo: urbanização e periferização

Objetivos:

- Destacar alguns aspectos correlatos à vida cotidiana, ampliados, em virtude do processo acelerado de urbanização e periferização, dentre os quais, destacam-se: a desigualdade social, a exploração do trabalho e a violência policial.
- Discutir a ideia de progresso presente no capitalismo.
- Estabelecer comparação entre a realidade local e outros espaços.

Materiais necessários:

- TV ou data show;
 - Letra e videoclipe da música "A Cidade", de Chico Science;
 - Slides produzidos a partir de imagens disponibilizadas na internet relacionadas à letra da música;
 - Questões mobilizadoras inerentes aos slides e a letra da música;
 - Cards correlatos à temática da oficina;
 - Lápis, borracha, caneta, lápis de cor, canetinha, papel chamex.
-

Dinamizando a atividade:

- Apresentar o videoclipe e a letra da música aos educandos.
 - A partir da canção, dialogar sobre qual a temática abordada pela música e os elementos que, presentes nela, permitem chegar à uma conclusão.
 - Analisar a letra da música por meio de perguntas mobilizadoras buscando a participação do aluno.
 - Utilizar o jogo de cards como um facilitador para se abordar a temática capitalismo: urbanização e periferização, possibilitando ampliar as discussões. Nesse caso, os alunos podem se organizar em grupos, realizando a atividade apenas entre os participantes ou, de modo mais amplo, ser sistematizado sob a forma de roda de conversa. É importante ressaltar a necessidade do auxílio do professor no direcionamento da tarefa, sanando dúvidas e incrementando o debate.
 - Sugerir e incentivar a produção de histórias em quadrinhos relacionando a música "A Cidade" à realidade local dos educandos.
-

1 - Música

A Cidade

Letra da Música A Cidade

O sol nasce e ilumina
As pedras evoluídas
Que cresceram com a força
De pedreiros suicidas
Cavaleiros circulam
Vigiando as pessoas
Não importa se são ruínas
Nem importa se são boas
E a cidade se apresenta
Centro das ambições
Para mendigos ou ricos
E outras armações
Coletivos, automóveis,
Motos e metrô
Trabalhadores, patrões,
Policiais, camelôs
A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
A cidade se encontra
Prostituída
Por aqueles que a usaram
Em busca de uma saída
Ilusora de pessoas
De outros lugares,
A cidade e sua fama
Vai além dos mares.
E no meio da esperteza
Internacional
A cidade até que não está tão mal
E a situação sempre mais ou menos
Sempre uns com mais e outros com menos
A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
Eu vou fazer uma embolada,
Um samba, um maracatu
Tudo bem envenenado
Bom pra mim e bom pra tu
Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus
Num dia de sol, recife acordou
Com a mesma fedentina do dia anterior.

(Chico Science e Nação Zumbi, 1994)

Quer ouvir a música?

Clique aqui:



Vai uma cançãozinha, aí?

A música como instrumento didático, para a aprendizagem histórica, encontra validade junto à Abud (2005), já que por meio dela pode-se apreender as marcas da cotidianidade expressas em suas letras. Dessa forma, as canções podem contribuir na construção do conhecimento histórico por meio de “documentos diferenciados dos costumeiramente presentes nas aulas” (ABUD, 2005, p. 315).

Assim,

“Elas são representações, não se constituem num discurso neutro, mas identificam o modo como, em diferentes lugares e em diferentes tempos, uma determinada realidade social é pensada e construída. Serão também instrumentos para a construção de representações sociais dos alunos, evidenciando por meio de múltiplas configurações intelectuais como os diferentes grupos constroem, contraditoriamente, a realidade social. (ABUD, 2005, p. 312).

Abordagem sugerida

- Do que fala a letra da música?
- Como você chegou a essa conclusão?
- O que te chamou atenção nessa letra?

2 - Slides e questões mobilizadoras

É hora de dinamizar a conversa através das questões mobilizadoras: a música do pernambucano Chico Science, tratando da cidade. A cidade, símbolo da urbanização, também tem suas contradições. Será que essas contradições são percebidas pelos educandos na sua localidade? Observe, à direita, as temáticas que podem ser trabalhadas por meio desta atividade.

Quais os temas possíveis de serem abordados nos slides?

Nº	Slide	Questão mobilizadora
1 A cidade	<p>O SOL NASCE E ILUMINA AS PEDRAS EVOLUÍDAS</p>  <p>Disponível em: https://f.i.uol.com.br/fotografia/2019/11/01/15726478355dbcb39bea44d_1572647835_3x2_rt.jpg Acesso em 20 de Abril 2022.</p>	<p>Na letra da música, os prédios são considerados pedras evoluídas. Você concorda que são evoluídas? Se sim, por quê?</p> <p>A noção de progresso atribuída à cidade.</p>
2 Trabalhadores	<p>QUE CRESCERAM COM A FORÇA DOS PEDREIROS SUICIDAS</p>  <p>Disponível em: https://www.opetroleo.com.br/wp-content/uploads/2016/06/876507.jpg. Acesso em 20 de Abril 2022.</p>	<p>Por que o trabalhador, no caso o pedreiro, na letra da música é citado como suicida?</p> <p>A exploração do trabalho.</p>
3 Vigilância nas cidades	<p>CAVALEIROS CIRCULAM VIGIANDO AS PESSOAS. NÃO IMPORTA SE SÃO RUINS NEM IMPORTA SE SÃO BOAS.</p>  <p>Disponível em: https://ogimg.infoglobo.com.br/in/9192456-621-bbc/FT1086A/2013-631992366-2013072536578.jpg_20130725.jpg Acesso em 20 de Abril 2022.</p>	<p>Os policiais são representados na letra da música pelos cavaleiros. Qual o papel dos policiais e porque eles vigiam "bons e maus"?</p> <p>A violência policial.</p>

4 e 5

Cidade terra
de
oportunidades
/ cidade para
todos?



Disponível em:
http://saopauloparainiciantes.com.br/wp-content/uploads/images/34889864995_e0817b2605_k-1.jpg. Acesso em 20 de Abril 2022.



OU RICOS



E OUTRAS ARMAÇÕES



Fonte: Compilação elaborada pela pesquisadora (2022)

"A cidade se apresenta centro das ambições", ou seja, todos a desejam. A cidade é para todos? A quem pertence a cidade?

A diversidade presente nas cidades e a periferização dos espaços.

Compilação elaborada a partir dos sítios:

<http://s.glbimg.com/et/nv/f/original/2010/11/16/20.jpg>, <https://i.ytimg.com/vi/dGdsaUF7O6s/maxresdefault.jpg>

<https://i.ytimg.com/vi/dGdsaUF7O6s/maxresdefault.jpg>. Acesso em 20 de Abril 2022.

https://vejario.abril.com.br/wp-content/uploads/2020/06/street-artist-4455851_1920.jpg

https://revistahibrida.com.br/content/uploads/2019/07/parada_gay-1024x683.jpg

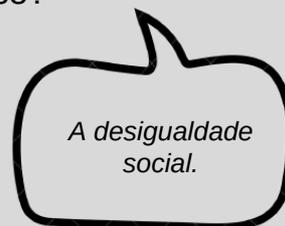
6
Desigualdade social

A CIDADE NÃO PÁRA, A CIDADE SÓ CRESCE
O DE CIMA SOBE E O DE BAIXO DESCE.



Disponível em:
http://saopauloparainiciantes.com.br/wp-content/uploads/images/34889864995_e0817b2605_k-1.jpg. Acesso em 20 de Abril 2022.

“A cidade não para, a cidade só cresce, o de cima sobe e o de baixo desce.” Quem é o que desce? Porque você acha que ele desce?



7 e 8
Direitos sociais/
progresso e
cidadania

- **Art. 6º da Constituição Federal:** São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição . (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 90, de 2015)

Disponível em:
<https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10641309/artigo-6-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 20 de abril 2022

- “Como podemos pensar em progresso antes de suprimos essa deficiência? Ou melhor, antes de fazermos valer nossa própria Constituição? Pior ainda, como podemos entender como progresso projetos que além de não colaborarem em nada para tais direitos, vão no sentido oposto, comprometendo a qualidade de vida de parte da população dificultando o fornecimento de serviços básicos como o fornecimento de água, por exemplo?”

Disponível em:
<https://mandandobrasa.blogspot.com/2008/11/o-progresso-no-meio-da-esperteza.html>. Acesso em 20 de Abril 2022.

É possível se pensar em progresso tendo em vista apenas os aspectos econômicos? Há possibilidade de se construir uma sociedade justa em meio a tanta exclusão?



Quer baixar os slides?

Clique aqui:



3 - Conversando sobre o tema!

Que tal testar os conhecimentos, apreendidos até aqui, através de um jogo de cards?

Por meio deles você pode discutir várias questões que permeiam o tema urbanização e periferização no capitalismo. É fácil! Para jogar, basta fazer a leitura dos mesmos e indicar se o que nele está escrito é correto ou incorreto. Eles são excelentes para problematizar o tema.

<p>1</p> <p>O direito à moradia é constitucional. Sendo assim, todos devem tê-lo.</p>	<p>2</p> <p>Os direitos sociais existem somente para os pobres.</p>	<p>3</p> <p>A desigualdade social é superada por meio de ações governamentais como distribuição de alimentos.</p>	<p>4</p> <p>Quem não “deve” nada à polícia não deve ter medo, pois a polícia representa os interesses dos cidadãos.</p>
<p>5</p> <p>Todas as áreas da cidade pertencem às pessoas, que podem e devem usufruir de todos os espaços.</p>	<p>6</p> <p>As áreas periféricas são bem assistidas, geralmente, no que diz respeito aos direitos sociais.</p>	<p>7</p> <p>Os países mais ricos possuem mais progresso.</p>	<p>8</p> <p>Não se pode olhar o progresso apenas por meio da economia.</p>
<p>9</p> <p>Todas as pessoas merecem ser assistidas nos seus direitos básicos.</p>	<p>10</p> <p>É justo falar de progresso econômico mesmo diante das desigualdades sociais, afinal, cada um tem o que merece.</p>	<p>11</p> <p>O povo tem a força da mudança e cada um pode colaborar para que as conquistas se efetivem nas comunidades.</p>	<p>12</p> <p>A desigualdade social produz outras formas de violência.</p>

<p>14</p> <p>A desigualdade social trata-se da diferença entre as classes sociais, em que determinados indivíduos se encontram em condições estruturalmente mais vantajosas do que outros fruto da má distribuição de renda.</p>	<p>13</p> <p>Os direitos sociais são direitos ligados à cidadania por que não basta que sejam previstos na lei, é preciso que sejam colocados em prática pelo Estado para que os cidadãos possam desfrutar de bem-estar social.</p>	<p>15</p> <p>De acordo com os princípios da dignidade da pessoa humana ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante. O artigo acima, presente na Constituição Federal do Brasil de 1988.</p>	<p>16</p> <p>A urbanização consiste em um processo de crescimento das cidades na era industrial, com um deslocamento do centro da vida social do campo para as cidades e penetração das reformas nas áreas rurais. Disponível em: https://www.significados.com.br/urbanizacao/. Acesso em 02 Mai, 2022.</p>
<p>18</p> <p>O conceito de progresso no capitalismo está ligado ao TER, ou seja, quanto mais recursos financeiros se tiver – pessoa ou país – mais destaque se tem na sociedade. E isso é errado, pois, não é possível se falar em progresso quando tantos não tem as mínimas condições de sobrevivência.</p>	<p>17</p> <p>A <u>periferização</u> é uma condição que impede que classes mais baixas permaneçam em lugares mais valorizados, como os centros das cidades, levando-as a morar nas regiões da periferia urbana. Disponível em: https://www.dicionariounformal.com.br/significado/periferiza%C3%A7%C3%A3o/32305/. Acesso em 02 Mai, 2022.</p>	<p>19</p> <p>A pobreza é uma condição individual e pode ser superada apenas com o esforço individual. Pois, numa sociedade desigual, qualquer um tem condições de se dar bem.</p>	<p>20</p> <p>A pobreza é fruto da desigualdade social. Numa sociedade marcadamente desigual é necessário lutar, coletivamente, pelo bem comum e exigir políticas públicas para sua superação.</p>
<p>21</p> <p>O progresso econômico pode ocorrer sem os direitos sociais no capitalismo, no entanto, quando isso ocorre aprofundam-se as desigualdades.</p>	<p>INCORRETA</p>	<p>CORRETA</p>	

Quer baixar os cards?

Clique aqui:



4 - A produção de histórias em quadrinhos

Figura 27: Oficina dialógica – Produção de história em quadrinhos.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Os quadrinhos e as temáticas abordadas

Urbanização



A história em quadrinhos confeccionada pelos discentes aborda o processo de urbanização da localidade. Os alunos, no maior quadro, deram destaque ao papel do comércio - atividade econômica relevante no bairro. É possível depreender também, por meio do artefato gráfico, o viés crítico, já que a praça abandonada e os pontos de ônibus ilustrados, sinalizam para a carência de direitos sociais, como o lazer e o transporte público.

Urbanização/
luta popular
por direitos



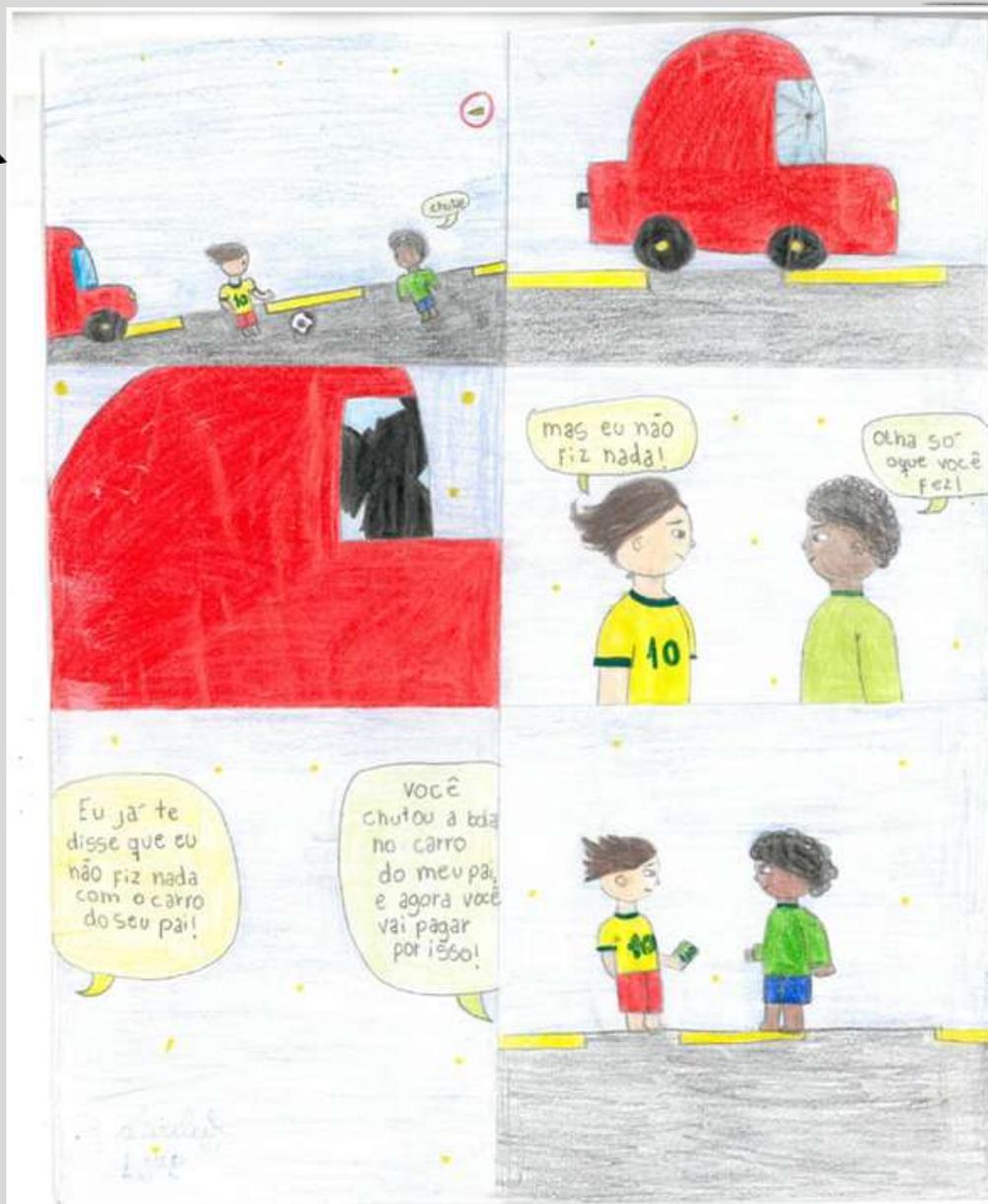
O tema abordado pelos discentes se remete também à urbanização, especificamente, à ocupação do bairro. Nota-se na ilustração a ênfase no processo de transformação da localidade, por meio da participação popular. Nesse sentido, a narrativa gráfica dá relevo ao processo de conquistas, demonstrando a compreensão de que os moradores são protagonistas da ação transformadora em prol do bem viver, ocorrida no bairro, ao longo de sua história.

Violência
policial



A história em quadrinhos acima ilustrada, aborda a violência policial como um ponto em comum entre a música utilizada como fonte histórica e o local de moradia. Outro ponto que merece destaque diz respeito aos signos utilizados pelos discentes para a representação dos personagens, pois, embora a fonte histórica – a música *A Cidade* - utilizada, a priori, não tenha estabelecido relação com o racismo, a opção por inserir personagens negros no contexto de produção desse artefato narrativo denota, por parte dos alunos, algum grau de associação entre o binômio violência policial e preconceito racial.

Violência urbana



A violência urbana foi a temática escolhida para a elaboração da história em quadrinhos. Apesar da música não tangenciar esta questão, pode-se dizer que a vivência dos educandos colabora para o entendimento de que a violência urbana consubstancia-se em um elemento presente na vida cotidiana.

Oficina 2

Com quantas lutas se faz um bairro?

Objetivos:

1. Suscitar o debate em torno do papel dos moradores na construção do bairro, desde a sua gênese. Assim como, analisar as mudanças ocorridas na localidade por meio da comparação entre as fontes históricas.
2. Compreender de que modo os educandos entendem a dinâmica que os rodeia, levando em consideração as problemáticas vivenciadas e, principalmente, o cerceamento de direitos sociais, a violência e a participação popular.
3. Possibilitar, por meio da produção de poemas, a ressignificação do olhar discente sobre o bairro, especificamente, das adversidades que o atravessa.

Materiais necessários:

1. Reportagens jornalísticas e fotografias nas quais o bairro, em diferentes épocas, é retratado.
 2. Relatos sobre o bairro transcritos a partir de entrevistas junto aos de moradores antigos.
 3. Caderno, lápis, borracha, papel *chamex*, lápis de colorir, canetinha, entre outros.
-

Dinamizando a atividade:

1. Solicitar a formação de grupos para que a atividade seja feita coletivamente.
 2. Distribuir, entre os participantes, os materiais para o desenvolvimento da atividade: reportagens, fotografias e trechos das entrevistas realizadas junto aos moradores.
 3. Motivar os alunos a participar das discussões acerca dos documentos históricos, analisando e refletindo as questões denotadas por eles.
 4. Possibilitar que dialogicamente, em uma roda de conversa, os alunos se expressem sobre os problemas identificados por eles na localidade.
 5. Incentivar para que, coletivamente, os educandos produzam textos – poemas - que abordem o bairro.
 6. Dar visibilidade, sob a forma de mural, aos trabalhos produzidos pelos alunos ao longo da prática social realizada.
-

1 - O trabalho com as fontes

Figura 28: Oficina dialógica – Trabalho com fontes históricas.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

O uso do documento no espaço educativo, corrobora o vínculo entre o ensino e a pesquisa e sinaliza para a problematização do conhecimento histórico, possibilitando, desse modo, se “construir um diálogo entre o presente e o passado, e não reproduzir conhecimentos neutros e acabados sobre fatos que ocorreram em outras sociedades e outras épocas” (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 51).

Uma sugestão para se trabalhar os documentos históricos é possibilitar a análise das imagens, suscitando o debate em torno das questões, a partir de uma abordagem dialógica.

Quadro 3: Possibilidade de reflexão a partir de documentos históricos.

Tipo de documento	Reflexões a partir dos documentos
Fotografias	<ol style="list-style-type: none">1. As imagens apontam mudanças no seu bairro? Quais?2. Como essas mudanças foram acontecendo?
Reportagens	<ol style="list-style-type: none">1. Você acha que as pessoas que estão nas reportagens foram importantes para a formação do bairro, de que forma?2. Você acha que a participação popular é importante para a conquista de direitos, hoje em dia?
Relatos	<ol style="list-style-type: none">1. De acordo com os relatos dos entrevistados, como era a vida nos primeiros tempos no Bairro Planalto Serrano?2. Tem algo que lhe chamou a atenção sobre esses depoimentos?3. Existe algum ponto comum entre os relatos, se sim, qual?

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).

As fotografias

Figura 29: Bairro Planalto Serrano – vista panorâmica do bloco A.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022)

Figura 30: Vista da entrada do Bairro pela BR/101. na década de 1980.



Entrada do bairro Planalto Serrano, que já foi conhecido como Marajá. O registro é datado de 1985. 6 de 9

Fonte: Capixaba História (2020).

Figura 31: Vista panorâmica do Bloco A a partir do bloco B.



Fonte: Rogério Produções (1994)..

Os textos jornalísticos

Figura 33: A busca por melhorias no bairro.

Marajá quer segurança, escola e ruas sem buracos

A luta pela segurança, as péssimas condições de trânsito para veículos e pedestres, a falta de uma escola, principalmente quando chove, a necessidade de conserto da obra da escola que chamam de Colégio Novo e reforma da Escola João Antonio dos Santos, além de melhorias na iluminação pública e manutenção da rede de esgoto, constituem uma das maiores preocupações da comunidade do bairro Marajá, na Serra, que foi visitado no sábado pela equipe do jornal A GAZETA.

Um levantamento realizado em um levantamento público para os blocos "B" e "C", a falta de um posto de saúde bem estruturado, uma escola e policiamento, já que o bairro é considerado violento. Segundo o presidente da Associação dos Moradores do Bairro Marajá, Gilson Rodrigues Rocha, "os moradores pediram ao bairro quando o trabalho vem acompanhado de uma nova viação, para melhorar alguns detalhes, como iluminação", reclama.

Segundo Gilson, vários cidadãos já foram enviados à Secretaria de Segurança Pública pedindo policiamento, a instalação

PM fará mais policiamento

O bairro Marajá ganhará mais policiamento com a contratação de uma guarda em Vila da Serra, situada em frente ao bairro. O comandante da Polícia Militar, coronel Edilson Neves de Carvalho, disse que por mais de duas horas serão instaladas uma guarda em Marajá, mas não existe no bairro um espaço apropriado para isso.

Em Vila da Serra, a PM usará um espaço do Centro Comunitário, onde haverá um estacionamento de ônibus e uma rampa, com a intenção de evitar acidentes com veículos. Enquanto isso, os moradores, o coronel disse que vai obter mais policiamento no bairro de moradores do 4º. Bloco, com o Coronel Carlos da Rocha, e do comandante da Polícia Militar, coronel Adriano do Fátima.

Até o chefe do Departamento de Administração Geral da Secretaria de Segurança Pública, Pedro Alencar, informou que não pode enviar uma delegacia. No entanto, o comandante de Marajá poderá receber mais e melhoramentos do trabalho da Polícia Civil na Serra e em toda Grande Vitória.

Figura 32: A troca de nome do bairro – de Marajá para Planalto Serrano.

Alaide Pantaleão foi uma das primeiras a chegar ao bairro

Sem marajás em Planalto Serrano

Os moradores decidiram trocar o antigo nome do bairro, Marajá, porque na região só moravam pessoas pobres

O bairro Planalto Serrano surgiu em 1987, oriundo da ocupação de um conjunto habitacional da Companhia de Habitação e Urbanização do Espírito Santo (Cohab) que começou a ser construído pela empresa Marajá.

A construtora abriu falência e as obras foram paralisadas e abandonadas. Posteriormente, a maioria dos mutuários ocupou as casas.

De acordo com um dos primeiros moradores do bairro, José Inácio Pantaleão, 70, muitos invasores acabaram destruindo residências.

"Só quando um deles levou um tiro de espingarda de um dos moradores quando estava retirando um telhado é que a destruição parou", contou Pantaleão.

Devido ao nome da empresa que construiu o conjunto, primeiramente o bairro foi chamado de Marajá. "Mas como marajá lembra gente rica e aqui moravam pessoas pobres, decidimos modificar o nome", contou Pantaleão.

Ele contou que, pelo fato de boa parte do bairro estar localizada



em uma área acima do nível do mar, o nome planalto foi escolhido. O serrano veio, obviamente, porque o bairro fica no município da Serra.

Segundo Pantaleão, há poucos meses capixabas no bairro. "Sessenta por cento dos moradores vieram da Bahia. O resto é de Pernambuco, Minas Gerais e Alagoas", informou.

A mulher de Pantaleão, a dona-de-casa Alaide Américo Pantaleão, contou que, quando chegaram ao bairro, não havia nada. "Não tínhamos água, luz, ônibus. O começo foi difícil".

Alaide disse que nos dois primeiros anos, para suprir a falta de água, a Prefeitura da Serra construiu um chafariz na entrada do bairro. "Todos os dias, os moradores iam pegar água no chafariz", contou.

Fonte: Pajá (2000).

Figura 34: Planalto Serrano em destaque.

Planalto Serrano em destaque

O bairro, que surgiu em 1987, receberá, esta semana, a visita da equipe do projeto A Tribuna com Você

Começam hoje as visitas da equipe de reportagem do projeto A Tribuna com Você a Planalto Serrano, na Serra. Até o próximo sábado, os moradores poderão falar sobre o cotidiano do bairro e os problemas que atingem a comunidade.

Planalto Serrano surgiu em 1987 a partir de um conjunto habitacional da Companhia de Habitação e Urbanização do Espírito Santo (Cohab). O conjunto começou a ser construído pela empresa Marajá.

Depois que a empresa abriu falência as obras foram paralisadas e abandonadas. Posteriormente, a maioria dos mutuários ocupou as casas.

O bairro é dividido em três setores: A, B e C, e, segundo estimativa dos moradores, deve possuir aproximadamente 25 mil habitantes e cerca de cinco mil residências.

Do centro de Vitória ao bairro gasta-se, em média, 30 minutos de carro. Mas se o percurso for feito de ônibus, este tempo aumenta para uma hora e 10 minutos.

Os vizinhos de Planalto Serrano são Vista da Serra II e Campinho da Serra I, além de terrenos rurais a Leste e ao Norte.

DROGAS

Os moradores são unânimes em afirmar que o principal problema do bairro é a falta de segurança. O tráfico de drogas, segundo a comunidade, é a prin-

cipal causa da violência na região.

"É um transtorno para as famílias. Em alguns locais, a lei do silêncio impora. Freqüentemente há mais policiamento", afirmou o presidente da Associação dos Moradores de Planalto Serrano, João Alves.

Alves explicou que há quatro anos a associação de moradores contratou a equipou um Destacamento da Polícia Militar (DPM) no bairro.

"Mas resolveram desativar o DPM para criar uma central, que fica em Vista da Serra I e atende a cinco bairros: Vista da Serra I e II, Campinho I e II e Planalto Serrano. Isso é insatisfatório", afirmou o líder comunitário.

Outra reivindicação da comunidade é a construção de uma escola de ensino médio. Os moradores alegam que os jovens precisam se deslocar até Serra-nade ou Larangeiras para estudar.

Dentre as melhorias conquistadas pelos moradores, a comunidade destacou a iluminação das vias principais dos blocos B e C, os três mil metros do rede de esgoto, a unidade de saúde, inaugurada em dezembro de 1999, as obras creches que está em fase final.

Fonte: Pajá (2000).



Os relatos

Figura 35: Entrevista 1.

- “Aqui no bairro, Bloco B o mais velho que está aqui sou. Cheguei em 1993 . Aqui era invasão e comprei isso aqui na mão de um invasor também.”
- “[Aqui] mudou muito. Quando eu cheguei era estrada de chão aqui esse morro era uma ruazinha de estrada de chão. Não tinha ônibus, ônibus não vinha aqui. Eu pegava o ônibus em Vitória e saltava lá na BR e vinha caminhando 10/11 horas da noite. O tumulto era feio, mas ninguém nunca me prejudicou.”
- “Naquela época o Bloco A era mais melhorzinho um pouco. O Redeshow, aquele mercado que é hoje daquele tamanho era desse tamanho aqui [pequeno]. Só tinha as coisinhas necessárias dos moradores comprar. Eu fazia compra ali. Era o mais próximo que tinha e trazia algumas coisas de Vitória, quando eu trabalhava lá.”
- “Energia nos fizemos uma reunião todo mundo aqui de cima, Bloco B e uma parte do Bloco A e lá daquele poste da entrada [entrada Bloco A] aí eles resolveram pedir um “gato” para a Escelsa. A Escelsa não queria dar, aí o pessoal pegou e fez eles também não tiraram. Todo mundo junto e aí uma hora tinha, outra não tinha. Albuino que trouxe energia. Água pegava o poço para gastar em casa a CESAN trouxe um caminhão pipa. Todo mundo pegava, tinha umas brigazinhas, mas quem era educado levava a vasilha e pegava”
- “Essas reuniões de água e luz eles pediam podiam pra gente participar. Primeiro na praça depois na prefeitura. Era para ir pelo menos 10,20,30 pessoas. iam 4 ou 5. Eu fui e assinei umas 3 vezes na prefeitura. Participação do posto de saúde, do colégio e do playground.”
- “Fui em Laranjeiras. Era sobre o ônibus. Era para ir 100 pessoas, foram 15. Deu certo. Tivemos ônibus.”

Morador do Planalto Serrano Bloco B

Fonte: Arquivo Pessoal da pesquisadora (2022).

Figura 36: Entrevista 2.

- “Sou morador de Planalto Serrano há 35 anos, quando cheguei em Planalto Serrano, a cena que me vem à mente [...] Parece que eu estava vindo para um cenário de guerra. Eu sou de Governador Valadares. Morei primeiro em Novo Horizonte. Com poucos meses que estava lá soubemos da ocupação de Planalto Serrano. Viemos eu, meu pai e minha mãe ver as casas. A gente veio no ônibus. só tinha um ônibus: rodoviária X Serra. Essa BR era mato puro. Naquele momento parecia uma terra destruída [Planalto Serrano]. Começamos a procurar uma casa e só achamos no Bloco B. eu fiquei lá tomando conta da casa até meus pais conseguirem o dinheiro para pagar o frete da mudança. Não tinha água, luz, asfalto, escola, creche , unidade de saúde. Não tinha nada. Bloco B e C era conhecido como Serra Pelada. Muitas pessoas desistiam de morar ali, pois as dificuldades eram muito grandes. O que incomodava as pessoas era a violência. Isso fazia as pessoas desistirem. Fora as dificuldades de água, luz”.
- “Me envolvi no movimento comunitário . Planalto Serrano evoluiu muito[...]. Quem conheceu Planalto Serrano há 35 anos e conhece hoje, hoje nós temos uma cidade e como qualquer cidade nós temos desafios e o que me colocou no movimento popular, foi a questão das necessidades e dificuldades que nossa comunidade enfrentou e enfrenta até hoje. Que é a falta de infra- estrutura, projetos sociais, áreas de lazer e melhores condições para nossa população”.
- “Quando eu cheguei para Planalto Serrano a Serra não era o que é hoje e nem Planalto Serrano. Planalto Serrano cresceu junto com a Serra. A Serra estava começando a se desenvolver e hoje a Serra é a maior cidade do Espírito Santo”.

Morador do Planalto Serrano, Bloco A

Fonte: Arquivo Pessoal da pesquisadora (2022).

2 - A roda de conversa temática

Figura 37: Roda de conversa temática.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Sugestão:

Após a análise e reflexão dos documentos históricos, pode-se ampliar a discussão em torno de toda a prática educativa, trazendo elementos que fazem parte do cotidiano discente. Desse modo, vale à pena suscitar as problemáticas identificadas pelos alunos, como os desafios que acometem a vida local. No caso desta prática, as temáticas correlatas aos direitos sociais, como o lazer e a segurança pública, sobressaíram-se. Outras questões como a urbanização e a participação popular também foram lembradas. A roda de conversa possibilitou compreender a subjetividade discente sobre a realidade que o circunda.

3 - A produção de poemas

Figura 38: Poema 1.

Bloco B

NO Bairro em que moro
É um lugar bom pra viver
Sempre com muita diversão e lazer

Sabemos que o bairro surgiu de uma
ocupação
Hoje é bem movimentado tem muita
agitação
Quando conversamos com os moradores
Ele solta uma imaginação

As pessoas jogam o que vem pela tu
parem quem viver no bairro
É quem pode responder
Se a violência é noticiada
Por que as coisas boas não podem ser?

O Planalto guarda história dos seus
ancestrais
Que lutaram pelos seus direitos e
muitos mais
Assim, construíram um lugar sensacional
tenho que admitir: igual o meu Planalto
não tem igual!

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Figura 39: Poema 2.

Aqui na planalto
A parada é braba
Dividido em 4 áreas
B, C, Trinta e baixada

As vezes mal caído
Por mentiras que o mídia Trás
Mas quem mora aqui, Te ligode
Que o planalto é mé paz

O clima às vezes fico pegado
E eu sei que isso é verdade
Mas me diz um lugar que não existe
criminalidade?

Dizem que só tem vagabundo
Meu povo é sempre subestimado
Mas se bratar 5 do manhã
No ponto, é só trabalhar esferrado

Minha Terrinha é menosprezado
Por pessoas de alto nível
Mas como diz TZ da Core
Rejeição é a maior combustível

Torna com outro porreitor, Pode chegar, chegando
Pra sempre meu morador, Pra sempre meu
Planalto Serrone!!

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Figura 40: Poema 3.

Meu bairro
Quando meu bairro surgiu,
Seu nome era Marajá
Referência à gente rica
Coisa que não tinha lá
Os moradores em conjunto
traçaram outros planos
trocando o antigo nome
para Planalto Serrano
Dizem que nosso bairro não presta
A nosso favor temos a convivência
Juntos podemos mais
Que essa tal violência
Não depende só da gente
Para fazer transformação
contamos com os governantes
Para nos dar atenção
temos muitas coisas boas
Mas, falta tanto melhorar
lutamos por nossos direitos
coisas boas podemos criar

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

O que os poemas evidenciam?

- A historicidade do local.
- A luta por direitos.
- A compreensão do bairro como um lugar positivo.
- O entendimento de que a violência não é o único fator que determina a identidade do bairro.
- A tentativa de se contrapor a visão da mídia acerca da violência.
- O reconhecimento da violência como um fenômeno presente, também, em outros espaços.
- O enaltecimento do morador como trabalhador.
- A ênfase na coletividade na construção do espaço e tomada de decisões.
- O reconhecimento da ação de moradores aliada ao poder público para se efetivar ações transformativas em prol da população e do local.

4 - A exposição dos trabalhos

Figura 41: Exposição da produção dos alunos.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2022).

Sugestão:

A materialização da pesquisa e a valorização do trabalho desenvolvido pelos educandos pode encontrar na exposição das atividades uma forma de:

- *Reforçar a autonomia e o protagonismo discente.*
- *Incentivar as manifestações dos alunos, inspirando outras ações e atividades dentro do espaço educativo.*
- *Estabelecer diálogo com toda a comunidade escolar.*
- *Reforçar o ser mais.*

**O que fica
para nós?
Reflexões a
partir da
prática
educativa.**

Ao término deste produto educacional, cabe perguntar: o que fica para nós? O quanto se avançou, por meio dessa experiência no sentido de forjar práticas educativas emancipatórias através da história local? De que modo elas impactaram no universo discente, possibilitando a esses educandos ressignificarem o olhar para si e para a realidade na qual estão inseridos?

Inicialmente, pode-se afirmar que a experiência deixada por essa prática educativa sinalizou para a compreensão de que é possível realizar uma educação comprometida com a transformação social. É claro que a busca por um caminho emancipatório, foi permeada por obstáculos, principalmente, por ela ter se orientado para a desarticulação de uma visão educacional bancária. Ter em pauta que “a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 2019b, p. 96), reforçou o compromisso com um ensino problematizador.

Nesse sentido, o ensino de história local foi mobilizado para o desenvolvimento de práticas educativas emancipatórias, objetivando a construção de saberes ancorados numa perspectiva dialógica. Dessa maneira, o aluno, em todas as etapas da pesquisa, figurou como produtor do conhecimento. Assumir a condição co-laborativa, na produção deste trabalho, foi determinante para o desenvolvimento da autonomia, do protagonismo e da criticidade dos sujeitos envolvidos.

Com relação aos avanços proporcionados por esta prática social, ratifica-se que houve, por parte dos educandos, uma ampliação da compreensão histórica, já que outras realidades puderam ser apreendidas tomando por base o contexto no qual eles estão inseridos. Outro ponto de destaque refere-se ao descortinamento de si, por parte dos alunos tendo em vista que a presença de pessoas “comuns” na página do jornal – lutando por direitos - ou o relato de moradores nas entrevistas, produzidas pelos discentes, promoveu o redimensionamento do olhar desse aluno para a constatação de que a história é feita por todos, não estando, portanto, circunscrita aos livros.

Sendo assim, por meio da prática social, pôde-se, gradualmente, visibilizar histórias que, silenciadas, corroboravam um cenário de exclusão e impotência. (Re)conhecer essas histórias renovou a autoestima dos sujeitos abrindo espaço para que houvesse um sentimento de orgulho, tanto do local como de sua gente. Isso, inclusive, pode ser apreendido, principalmente, por meio das produções textuais produzidas na oficina dialógica “Com quantas lutas se constrói um bairro?”, demonstram o enaltecimento do bairro, mesmo em face aos desafios enfrentados pelos moradores.

Assumir o bairro como lócus de resistência e luta popular pelos educandos, além de produzir a quebra de estereótipos, reforçou o senso de pertencimento e da identidade social. Isto porque a adoção de uma história contra-hegemônica possibilitou aos sujeitos desmobilizar ideias fixas sobre o passado, que em nada colaboravam para a sua percepção como sujeito histórico. Foi assim que a narrativa da violência no bairro foi perdendo espaço para uma visão comunitária ancorada na solidariedade.

Além disso, a prática social, dinamizada na aula de campo, permitiu que os alunos refletissem e problematizassem o bairro. As fotografias, realizadas pelos educandos, fomentaram um viés crítico ao espaço. Assim, questões vivenciadas na localidade como: a violência, a desigualdade, o lixo, a pobreza, o lazer e a própria urbanização passaram a ser desnaturalizadas.

Pode-se inferir que, nesta pesquisa, as práticas educativas elaboradas a partir da história local, contribuíram para a inserção dos educandos no centro do debate, favorecendo, sobremaneira, a sua construção como sujeito histórico. Verificou-se que o protagonismo advindo dessa história “autoral” mobilizou a autoestima desses sujeitos, ao terem suas vivências postas em pauta.

Desse modo, a percepção de si como construtor da história e a criticidade desenvolvida a partir da realidade, colaboraram, ainda que, de forma incipiente, para o despertar de uma consciência cidadã.



Referências

A GAZETA. **Marajá quer segurança, escola e ruas sem buracos**: morador diz como foi a invasão. Jornal A Gazeta. Vitória, ES, 09 de Nov. 1993, p.12, c.1-6. Disponível em: http://ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160922_aj16128_bairro_maraja_serra.pdf. Acesso em 22 de ago. 2022.

A GAZETA. **Invasor faz passeata e exige casa do Governo**. Jornal A Gazeta. Vitória, ES, 16 de jul. 1987, p.5, c.1-2. Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161024_aj15627_bairros_geral_serra_01.pdf. Acesso em 20 de nov. 2022.

ABUD, Katia Maria. Registro e representação do cotidiano: a música popular na aula de história. **Cadernos Cedes**, v. 25, p. 309-317, 2005.

BERTOLD, BRECHT. **Perguntas de um trabalhador que lê**. Disponível em: <https://tokdehistoria.com.br/2012/09/07/bertolt-brecht-perguntas-de-um-trabalhador-que-le/>. Acesso em 16 de nov.2022.

CAPIXABA HISTÓRIA. **Bairro Marajá**. Atual Planalto Serrano na Serra. Espírito Santo: Facebook, 28 ago. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/capixabahistoria/photos/a.695419017602185/928589080951843/>. Acesso em: 20 mai. 2021.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. **A cidade**. Da lama ao caos, 1994. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/chico-science-nacao-zumbi/a-cidade.html>. Acesso em: 16 de nov. 2022.

COMPIANI, Maurício. Prefácio: Aulas de campo como metodologia de ensino. In: CAMPOS, Carlos Roberto Pires (Org.). **Aula de Campo para Alfabetização Científica**. Vitória: Editora IFES, 2015.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Estado de Economia e Planejamento. Relatório ocupação Social Planalto Serrano. Vitória: **Instituto Joes Santos Neves**, 2017. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/component/attachments/download/5685> . Acesso em: 20 set. 2020.

FERRO, Marc. **A manipulação da história no ensino e nos meios de comunicação**. São Paulo: Ibrasa, 1983.

FONSECA, Selva Guimarães; COUTO, Regina Célia. de. A formação de professores de história no Brasil: perspectivas desafiadoras de nosso tempo. In: ZAMBONI, Ernesta; FONSECA, Selva Guimarães (Orgs.). **Espaço de formação do professor de história**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas: Papirus, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2019a.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2019b.

GOBBI Carlos Henrique. **Lugar de toda pobreza.** 1983. (57m). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=neRPjL0JPjg>. Acesso em 10 abr. 2022.

LOURENÇO, Luiz Augusto Ferreira. **Mapas afetivos.** Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Mapas_Afetivos. Acesso em 10 de ago. 2022.

MENDONÇA, ROMERO. **Mais de três mil casas estão abandonadas na Serra.** Jornal A Tribuna, Vitória, ES, 30/06/1992, p.10, cad.1, c.2-4. Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160627_aj03267_habitacao_02.pdf. Acesso em 23 de nov. 2021.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Lembranças de um aluno mal comportado. **Tópicos Educacionais**, Recife - UFPE, Centro de Educação, v.9, n. 1/2, p. 11-16, 1991. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/topicoseducacionais/article/view/230641/24784>. Acesso em: 20 fev. 2021.

PAJAÚ, Luiz. **Sem marajás em Planalto Serrano.** Os moradores decidiram trocar o antigo nome do bairro, Marajá, porque na região só moravam pessoas pobres. Jornal A Tribuna, Vitória, 2000, p. 06, c.1-2. Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161004_aj16226_bairro_planaltoserra_no_serra.pdf. Acesso em 20 de abr. 2021.

PAJAÚ, Luiz. **Planalto Serrano em destaque.** O bairro, que surgiu em 1987, receberá, esta semana, a visita da equipe do projeto A Tribuna com você. Jornal A Tribuna, Vitória, ES, 11/09/2000, p.06, c.1-2. Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20161004_aj16225_bairro_planaltoserra_no_serra.pdf. Acesso em 20 de abr. 2021.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla. O que e como ensinar: por uma História prazerosa e consequente. In: KARNAL, Leandro (Org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

PRODUÇÕES, Rogério. **Fotos antigas do Estado do Espírito Santo.** [S. l.]: Facebook, 1994. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/fotografovix/?ref=share>. Acesso em: 10 de Jan. 2021.

REVISTA PLANALTO SERRANO. **Fotografia.** Facebook: Serra, 5 fev. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/219092688688492/photos/a.276290132968747/344491596148600>. Acesso em: 20 de abr. 2021.

SADER. Emir. Prefácio. In: MÉSZÁROS, István. **A Educação para Além do Capital.** São Paulo: Boitempo, 2008.

SHARPE, J. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (Org.). **A escrita da História: novas perspectivas.** São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

SILVA, Juliana S.R. SILVA, Mirian B. VAREJÃO, José L. Os (des) caminhos da educação: a importância do trabalho de campo na Geografia. **Revista Vértices**, Campos dos Goytacazes/RJ, v.12, n.3, p.187-197, set./dez. 2010.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora M. dos S; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Ed. Scipione, 2004.

